

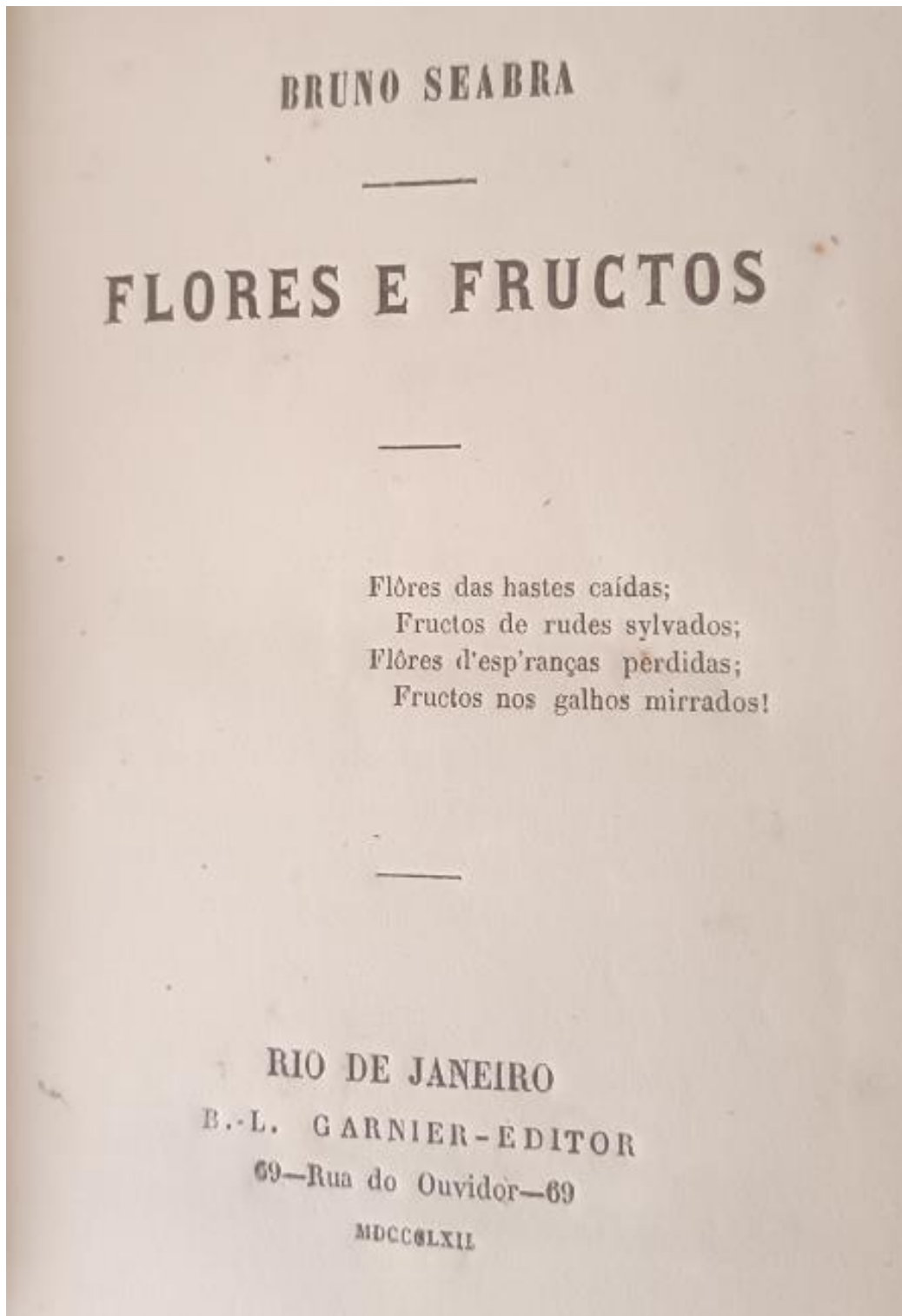
SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

FLORES E FRUTOS

POR

BRUNO SEABRA

Flores das hastes caídas;
Frutos de rudes silvados;
Flores d'esp'ranças perdidas;
Frutos nos galhos mirrados!



Fac-símile da página de rosto de *Flores e frutos*.
FONTE: Biblioteca do Prof. Antônio Carlos Secchin.

A Elas

No bolso do avental dareis ao livro estante,
Com esta condição – ofereço-o às mais gentis;
Que vele junto a vós – em falta de um amante,
(Oh! livro não ser eu!) no leito em que dormis!

Conselheiro leal, amigo sempre alerta,
Em negócios de amor tereis um bacharel:
E se devo comptar¹ co'o² prêmio desta oferta
Prefiro um beijo a furto – à glória de um laurel!

¹ Ver nota do autor, no final do livro, à página 132.

² O acordo ortográfico atualmente em vigor entre nós prevê a grafia “coa” para a contração “com + a”; porém, não prevê a grafia “coo” para a contração “com + o”, que fica reduzida a “co”. Por mais que se argumente que na “pronúncia normal”, em Portugal e no Brasil, o antigo ditongo (“ou”) reduziu-se a “o” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 47), “coo” seria, em nosso entendimento, pronunciado “cou”, e a grafia “co” representaria apenas a desnasalização de “com” (eclipse), como, por exemplo, em “Fui co ele ao cinema.” – o que pode acontecer muitas vezes em poesia (embora não aconteça nesta obra de Bruno Seabra). Sendo assim, a grafia “co” – em nosso entendimento, repetimos – suprime o artigo definido “o” da expressão poética. Por essa razão adotamos a posição conservadora de grafar os encontros “com + o” da maneira que o poeta o fez (“co’o”). Com isso fica facultada a pronúncia “cou” para o encontro “coo”.

A Eles

Belos tempos, segadores,
Os belos tempos da messe
Da amena sazão de amores!
Mágoas – ninguém nas conhece!
Entristecer fora em vão!
Alma e vida se deleita
Nas conquistas da colheita,
Nas lides do coração!
Vai-se um dia, outro amanhece,
E, após ele, outros melhores,
E de frutos e de flores
Mais se reveste a sazão!

Ai, tempos das mil loucuras,
Em que são nossas venturas
Passar noites ao relento,
No ponto das entrevistas! –
Em que são nossos pesares
Curtir ciúmes daninhos,
Amúos, ressentimento,
Nos profundos escaninhos
Do coração – por uns olhos
Travessos, endiabradinhos,
E que já têm por costume
Onde estão nossos antolhos
Fazer ferver o ciúme –
Em que são doces cansaços
Subir, descer os outeiros
À cata da namorada,
E, ao cabo de inúteis passos,
Ir encontrá-la na estrada,
À sombra dos cajueiros,
Negligente adormecendo...
Ou, mais além, junto às fontes,
Carregada de boninas, →

Os seus requebros revendo
Sobre as águas cristalinas,
Quando o sol vai derradeiros
Adeuses dizendo aos montes! –
Em que é fortuna sem nome
Correr atrás de esperanças
Dias e dias inteiros,
Para alcançar os matreiros
Caprichos – das *esquivanças*...
Ou, receber, muitas vezes,
Quando muito algumas tranças,
Por galardão dos reveses! –
Em que é achar um tesouro
Conseguir um beijo a furto
Depois de cem negativas;
Rosas colher por *violetas*,
Camélias por *sensitivas*!
E, em resposta às cançonetas,³
Abraços por juramentos
De constâncias duradouras,
Como a constância dos ventos! –

Ter esquecido o passado,
Cuidar pouco do futuro,
E fazer seu velo de ouro
Do presente enamorado,⁴
É a vida, segadores,
Dos belos tempos de então,
Da amena sação de amores!
Ai, tempos das mil loucuras,
Corre a vida em travessuras,
A mocidade enflorêsce,
Desponta a vida em botão!
Mágoas – ninguém nas conhece,
Entristecer – fora em vão!

³ O poeta grafou “chansonettes”, um tanto afrancesadamente (*chansonnettes*). A palavra “cançoneta” vem com “ç” no *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, desde a primeira edição (1879). Aliás, a palavra já constava do *Vocabulário português e latino*, de Rafael Bluteau (1712, v. II, p. 272), que deu origem ao *Dicionário da língua portuguesa*, de Moraes, escrita da mesma forma, e com a significação de “cantiga pequena”. A palavra iniciada por “ch” não se encontra registrada no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa (versão *on line*: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>). Optamos pela atualização da grafia do vocábulo (“cançonetas”) – aqui e nas “Notas”, ao final do livro. O livro de Bruno Seabra é bom exemplo de que, ainda no século XIX, persistia a situação registrada por Bluteau no verbete ORTOGRAFIA, de seu *Vocabulário* (1712-1728): “[...] em Portugal, para o modo de escrever não há moda, nem regra certa; quase todos escrevem como querem; e com a continuação desta diversidade, só cada um poderá entender a sua escritura.”

⁴ Ver nota do autor no final do livro, à pág. 132.

Belos tempos! mas passados
Uma vez – não voltam mais!
Sus! à vida, mocidade!
Colhei frutos, colhei flores...
Amanhã!...⁵ flores e frutos
Vereis murchos, e mirrados
Nos páramos da saudade!

⁵ Amanhã!...] Amanhã!.. – em FF. Esse uso de ponto de exclamação seguido por reticências representadas por apenas dois pontos é praticamente constante ao longo do livro – razão pela qual não anotaremos mais esses casos. Na forma grafada pelo poeta, fica entendido que o ponto de exclamação está incorporado às reticências. Também não registramos os casos de reticências com três pontos combinados com o ponto de exclamação – que ocorrem em muito menor número no livro. As mesmas considerações se aplicam ao ponto de interrogação.

ANINHAS⁶

⁶ Ver nota do autor no final do livro, às págs. 132-135.

No deserto do peito – miragens!
– Franco de Sá.⁷

⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 135.

I

Na aldeia

Olha! – que paz se agasalha
Nesta casinha de palha
À sombra deste pomar!
Olha! vê...! que amenidade!
Abre a flor da mocidade
Na soleira deste lar!

Olha! – as flores vêm sorrindo
Dos verdes ramos caindo
Aos beijos dos colibris!
Olha! – este harém de verdura
Onde amor bebe a ternura
Das saudosas jurutis!

Olha! – esses montes virentes,
Estes arbustos florentes,
Estes risonhos vergéis!
Olha! – os céus que além descobres...
Que reis tiveram mais nobres,
Mais deslumbrantes dosséis?

Olha! – os dourados insectos,
Nos seus enleios de afectos⁸
Dourando a ervagem do chão!
É tradição – que são flores
Animadas dos ardores
Duma extremosa paixão...

Olha... vê...! não são quimeras!
São íris, são primaveras
Na tela do nosso amor; →

⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 136.

Amor aqui – faz pousada
No romper da madrugada,
Nas horas do sol se pôr!

Não cuides ser a ventura
Esse ouropel que fulgura
Sob os tetos dos salões,
Onde a mentira prospera,
E o perfume degenera
Das flores das afeições!

Que valem ruidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De afectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive à sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Olha! – que paz se agasalha
Nesta casinha de palha
À sombra deste pomar!
Olha! vê...! que amenidade!
Abre a flor da mocidade
Na soleira deste lar!

II

Aninha

Tinhas então doze anos,
Acecém – desabrochavas;⁹
Levou-me a ventura à festa,
Lá te encontrei – já dançavas!

Todo em ti meu ser desperto
Nos vaivéns das contradanças,
Eu vi aninhar-se um beijo
Nas flores das tuas tranças.

Oh! – disse comigo – infame!
Traidora foi a vitória!
Hei de contar à criança,
Negro beijo, a tua história!

Mas quando, finda a quadrilha,
Fui falar-te – desdenhosa,
Como se eu fosse um espectro,
Fugiste rindo e medrosa!

Ai! não corrias, voavas!
Dir-se-iam asas as tranças
De que o vento desprendia
Murchas flores de esperanças!

Pobres flores, bem nascidas!
Pobres rosas – malfadadas!
Envoltas co' o pó das salas,
Ninguém as quis desfolhadas!

⁹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 136.

– Pois que todos vos desdenham,
Pálidas rosas de amores,
Quero-vos eu, orfãzinhas, –
Disse, e fui colhendo as flores.

– Que vim eu fazer à festa?
Que tinha eu lá co’o festejo? –
Perguntei falando às rosas
Das tuas tranças caídas,
Rosas d’esp’ranças – perdidas
Ao vil contacto de um beijo!¹⁰

Moços e moças sorriam,¹¹
E as flores não respondiam!

– Senhor Deus! ai, que é tão linda!
Ainda agora em botão!
Dá, pelo amor da inocência
Que reverbera o teu brilho,
Dá que a flor não murche ainda!
Dá-lhe que imite o junquilha,
Que antes que o sol alvoreça,
Não deixa alastrar-se o chão
Das flores do seu festão!¹²
A vida é cheia d’escolhos!
Ai, do batel da inocência,
Ao bramir dos escarcéus,
Se os olhos da Providência
Não vêm tomar-lhe o timão
Neste mar de sedução!
Senhor Deus! por tua Essência,
Olha o batel, senhor Deus! –
De joelhos orou minh’alma
Aos pés do seu criador.

¹⁰ beijo!] bejo! – em FF. Frequentemente o poeta reduz o ditongo “ei” na palavra “beijo”; neste caso, e em outros semelhantes, parecer-nos-ia justificada a grafia pela rima (aqui com “festejo”). O procedimento, entretanto, não é regular ao longo da obra (às vezes aparece “beijo”, em situações com rima). Grafamos sempre a palavra com o ditongo – já que a escrita não necessariamente reflete a pronúncia. Na fala esse ditongo é, muitas vezes, espontaneamente reduzido.

¹¹ sorriam,] surriam, – em FF. O poeta, frequentemente, usa “u” em sílabas pretônicas que se grafam com “o” – seria isso reflexo da origem nortista do poeta? Em todos os casos, empregamos a grafia com “o”. [O mesmo fenômeno sucedia com as grafias de palavras com “e” em sílabas pretônicas, que o poeta grafava, frequentemente, com “i”. Ver nota 51, à p. 71.

¹² Ver nota do autor no final do livro, à p. 136.

– Que fui eu fazer à festa?
Que tinha eu lá co’o festejo? –
No meu leito soluçava,
Quando as flores contemplava
Descoradas pelo beijo,
Que não foi beijo de amor,
Mas vil, infame, traidor,
Afago infernal... desejo
De quem a inocência ilude
Dissimulando a torpeza →
Sob o manto da virtude!
Bastardo da natureza,
Alma e corpo de Satã,
Que sorrindo à singeleza
Vilão, covarde, sem pejo,
Esquece no impuro beijo
Ter o demônio uma irmã!

– Que fui eu fazer à festa? –
No abandono solucei,
E com lágrimas reguei
Aqueles rosas perdidas,
Dispersas pelo salão,
Que os ditosos desdenharam
Envoltas co’o pó do chão!

Deus foi bom; guiou teus passos;
Chegaste a salvo a meus braços!
Deus é bom, vejo-o em ti,
E em tudo quanto sofri!

III

Credo

Creio em ti; – teus olhos dizem
Que só verdades predizem
Meus olhos fitos nos teus:
Creio em ti, filha de Deus.

Meu Deus és tu; meus enlevos,
A poesia, o mundo, os céus:
E céus, e mundo, e poesia
Vejo aí nos olhos teus.
Réu de amores nas cadeias
De teus olhos me prendi;
Não me dês a liberdade
Deste nobre cativo!
Réu de amor – sou prisioneiro,
Esta prisão mereci.

Amor és tu só. Virtude
Teu aspecto soberano.
Em teus lábios não se aninha
O riso astuto e profano
Dessas mulheres mentidas,
Que dão pastos à traição
À custa de tantas vidas,
Que se deixam cativar
Num requebro e falso olhar!
Mulheres que têm caprichos,
E nunca têm coração!¹³

¹³ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há (ou não) divisão de estrofes entre eles – a simetria do poema, contudo, sugere que sim (razão pela qual a adotamos).

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

Creio em ti, no teu semblante,
Na pureza de teu seio:
Junto a ti, de ti distante
Creio em ti – noutra não creio.

IV

O vestido carmesim

Não te assenta esse vestido
Carmesim,
Co'os seus clamor e reclamos
Guarnecido
De jasmim.

Dirão tuas invejosas:
– Veem-na assim?
Quer ter as faces rosadas,
Tira as rosas
Do vestido carmesim. –

– E aquela alvura de neve?
Cá por mim,
Digo-lhes que a alvura deve
Aos enfeites de jasmim. –

– Hem, prima? Não lhe parece,
Quer ser rosa e bogarim?
Valha-o Deus que não merece
Tanta honra o alfenim! –

Anda a mudar o vestido,
Dá-me o gosto
De morderem-se as rivais
Quando virem que em teu rosto
Brilham cores naturais.

V

Talismã

À noite, nos meus delírios
Da febre de amor e zelos,
Beijo um a um os fios
Da trança de teus cabelos.
Cada beijo é uma estância
Dessa mágica poesia,
Que no crânio me labora
Ao peso dessa agonia
De que grato se vigora
O coração no sofrer!
Que febre é essa de morte,
Que morte de tanta vida!
Como eu sinto embebecida,
Naquele doce transporte,
Minh'alma toda em teu ser,
Ai, que não to sei dizer!

Talvez durmas tu então,
Que nessa hora vai o céu
Às escuras tacteando,
Sem a luz do seu condão;
Dormes, sim; velo só eu,
Pois à janela chegando,
Vejo a noite, a escuridão,
Mas a minha estrela, não!
O talismã que me deste
Irá comigo onde eu for;
Se eu morrer antes d'aurora
Do himeneu do nosso amor,
Comigo se enterre a trança
Que ninguém compreendeu:
Se o morto vive d'esp'rança,
Se inda há esp'rança no céu.

VI

Caprichos

Tu queres ler o meu nome
Nas folhas deste jasmim!
O teu capricho é tirano!
Um nome tão feio assim
Como este nome, profano
Vai nodoar o candor
Da tua mimosa flor!¹⁴

Não, não queiras ver meu nome
Nas folhas deste jasmim,
Como um peçonhento insecto
De asas negras e abjecto
Nas folhas de um bogarim!
E os remorsos, caprichosa,
Que terás quando a mimosa
Pobrezinha emurchecer,
À míngua de seu perfume
Que este nome vai beber?
E o nume, ai dele, o nume,
O triste amante da flor!
Pode matá-lo o ciúme,
O ciúme abrasador!¹⁵

Não, três vezes não, não cedo!
Não hei de o nome escrever
Nas folhas deste jasmim,
Sabes por quê? Tenho medo
Que o nume venha em segredo →

¹⁴ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há (ou não) divisão de estrofes entre eles – a lógica dos versos sugere, com boa probabilidade, que haja aí essa divisão (razão pela qual a adotamos).

¹⁵ Ver nota do autor no final do livro, à p. 136.

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

De teu seio vingativo,
Mel e perfume beber!
E ai de mim, triste de mim,
Se é no teu seio que vivo
Como havia eu de viver?¹⁶

¹⁶ Em FF, ao final deste verso, um travessão fecha o poema.

VII

Dormindo

Dormia! que sono! que doce dormir!
Palpita-lhe o seio, pausado, de leve!
A boca entreaberta... que dentes de neve
Dos lábios, a furto, lhe deixa surgir!

Envolta, sem arte, na branca roupagem
As formas realça do corpo gentil!
Em sonhos descora... que pálida imagem!
Depois estremece... que sono febril!

Suspira... boceja... murmura... sorriu!
Exalam seus lábios o aroma do nardo!
– Sim! amo-te, disse, eu amo-te, ó bardo,
Amemos! – e o peito coas mãos comprimiu!

Arqueja... soluça... e um novo bocejo
Espalha o aroma do nardo em redor!
Desperta... em meus braços... furtava-lhe um beijo!
Ninguém mo condene, que o réu foi amor.

VIII

Conselho

Tu és o bogarim; querem-te as brisas
Levianas coquetes¹⁷ do vergel;
Eu sou o colibri dos teus amores,
Não dês às brisas de teu seio o mel.

Quando as boninas nos vergéis definham,
Quando a geada inunda o devesal,
Elas vão respirar o doce aroma
Das flores da estação no cafezal.

Bem vês como elas são... querem perfumes,
E quando o gelo cai, e murcha a flor
Fogem da planta que definha o gelo!
Querem perfumes e não têm amor.

Eu sou o colibri dos teus amores,
Não dês às brisas do teu seio o mel;
Quando o gelo cair e definhares
Serei sempre contigo no vergel.

¹⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 137. Em FF, está “coquettes”.

IX

Tristeza

Já não floresce o valado,
É toda uma tristeza estas campinas!
Aqueles risonhos prados
Estão despovoados
Dos arbustos de outrora!
O verde em flor,
Que era como o tapete das colinas
Tão cheio de frescor,
Amarelece agora!
O pomar nem um fruto, um só que seja!
Não há quem ali veja
Um colibri, um único sequer!
O céu, o próprio céu
Tolda-lhe o rosicler
De nuvens negras um constante véu!
Os feios montes erguidos
Semelham-se a fantasmas denegridos
Acenando os vendavais!
No limiar dos casais
Fez pousada a soidão!
O tangedor saudoso,¹⁸
O tangedor que tão melodioso
Falava ao coração,
Juntando aos da viola
Acordes lisonjeiros
Seguidilhas de amor
Em porfia co'os moços bandoleiros,
Nunca mais se ouviu!
Tudo aqui sucumbiu,
Tudo, tudo mudou, tudo é tristeza
Na aldeia desolada! →

¹⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 137.

Deixaste-la... murchou, vergel florido¹⁹
Ao sol estranho, ao sol mais desabrido
 Que lhe trouxe a saudade!
Ó gentil primavera desta aldeia,
Quando, quando virás de risos cheia
Encher de risos esta soledade?!

¹⁹ Nestes últimos versos, o poeta dirige-se à primavera. Mais adiante, emprega a segunda pessoa do singular – “quando virás” –; no caso deste verso, entretanto, prefere a segunda pessoa do plural – “deixaste-la”. O pronome conta como sílaba no verso (decassílabo); a forma pronominal “la” lhe confere clara autonomia silábica. Ou será esse uso – com o verbo no singular – uma reminiscência antiga?

X

Graziela

Vem, morena andaluza, linda e bela,
Sentar-te junto a mim!
Trina endechas de amores, Graziela,
Eu toco o bandolim.

Enquanto o mundo no vaivém das tramas
De hipócrita moral,
Faz dos homens atores de seus dramas
No palco universal;

Nós faremos aqui papéis mais belos
No teatro de amor...
É tão bom respirar nos teus cabelos
Suave e doce olor...

Teu seio, travesseiro de brocado
De egípcio himeneu,
Tem mais perfume que na terra o nardo,
Que os jacintos no céu!

É tão bom reclinar sobre teu seio
A frente o trovador...
E dormir, no remanso desse enleio
Dormir... sono de amor...

Oh! dormir e sonhar ao teu regaço
Que a vida é sempre assim, que²⁰ não tem dores!
Oh! vida de um viver passado em sonhos
Aos sons dos hinos das visões de amores!

²⁰ Talvez seja “quem” no lugar deste “que”. O poeta não corrigiu este verso na “Advertência” ao final do volume.

É tão bom! vem, morena, se tu queres,
Desse prisma através de mil fulgores,
Ver a vida correr em céus de rosas,
E em noites de amor – ver céus de amores!

E tu não sentirás da vida o tédio,
E eu me embeberei nos teus primores,
Que a vida é gozo que inebria a alma
Quando ela vive soluçando amores!²¹

Vem, minha amada, que eu te mostro a vida
Desse prisma através de mil fulgores,
Que às vezes quando durmo sobre espinhos
Me faz sonhar que durmo sobre flores!

²¹ Quando ela vive soluçando amores!] Quando ele vive a soluçar de amores! – em FF (corrigido na “Advertência”, ao final do volume).

XI

A um jasmineiro

Meu jasmineiro, algum dia
No teu primeiro verdor,
Quem te visse não diria
Que tão cedo te veria
Tão maltratado d'amor!
 Que é do teu verdor primeiro,
 Jasmineiro, jasmineiro?

Confidente afortunado
Dos amores do zagal,
De folha e flores copado
Eras o rei do valado,
Eras o orgulho do val!
 Desfolhado jasmineiro,
 Que é do teu verdor primeiro?

Invejava-te a roseira
As honras da primazia,
E a moreninha faceira
Cuidava em ser a primeira
Que as tuas flores colhia!
 Que é do teu verdor primeiro,
 Jasmineiro, jasmineiro?

Não vem hoje, como outrora,
Pedir-te a morena flor;
O zagal ao ver-te cora,
E os seus amores deplora
Ante o remorso de amor!
 Ai, triste do jasmineiro,
 Sem o seu verdor primeiro!

As roseiras do valado
Dizem, rindo-se, entre si;
– Pois não veem o malfadado,
Como em ser tão desprezado,
Ainda vegeta ali?! –
 Sem o teu verdor primeiro,
 O que esperas, jasmineiro?

Amor que te leva as flores,
Definhando te deixou!
Hoje, vítima de amores,
Qu' é do prêmio dos verdores
De que amor se engrinaldou?
 Amor! amor, jasmineiro,
 Foi sempre o ingrato primeiro!

Olha-te em mim: algum dia,
Dos anos abrindo em flor,
Quem me visse não diria
Que tão cedo sofreria
As ingratidões de amor!
 Sem o teu verdor primeiro,
 Olha-te em mim, jasmineiro!

XII

.....

Como o ipê já do inverno desfolhado
Que a primavera fez cobrir de flores,
Minh'alma triste na aridez da vida
Aos teus carinhos se vestiu de amores.

Ai, que não fosses despertar a triste
Do frio sono da descrença minha!
Nem te importasses que eu deixasse a vida
De que minh'alma tantas mágoas tinha!

Mas quem te ouvira, bendizendo o mundo,
A voz divina de harmonia tanta,
Sem no peito sentir magos arroubos
Da poesia de amor mais pura e santa?

Que rei não se curvara a um teu aceno,
Não te rendera grata vassalagem
Ao ver-te qual te vi meiga e formosa,
Mulher, anjo, satã, silfo ou miragem?!

Ai, que não fosses despertar minh'alma
Do frio sono da descrença minha!
Nem te importasses que eu deixasse a vida
De que minh'alma tantas mágoas tinha!

Que sim, antes assim! árabe errante
Nos desertos da vida abandonado,
Meu livre coração pulsara ainda
Sem remorsos, mulher, de haver-te amado!

Mas quem te ouvira, bendizendo o mundo,
A voz divina de harmonia tanta,
Sem no peito sentir magos arroubos
Da poesia de amor mais pura e santa?

XIII

De tarde

I

Descamba o sol vagaroso;
Que sombra vai pelos montes!
Nas fímbrias dos horizontes
Que vespertino arrebol!
E além a lua que surge,
Talvez amante zelosa,
Que vai sondar ardilosa
O rumo que toma o sol?!

II

Pelo remanso dos rios,
Pelas quebras dos outeiros,
Pelas choças dos lenheiros,
Pelas matas e sertões,
Soam ternas cantilenas
Saudando a virgem de amores!
Que vem 'calentando as dores,
As dores dos corações!

III

Donde vens, formosa virgem,
Tão cheia de simpatia?
Ó meiga irmã da poesia,
Ó Tarde, donde vens tu?
Ah! dize que vens dos mundos
Das flores de que te incensas →

Abrir a rosa das crenças
Num peito de crenças nu!

IV

Vem, formosa! abre em meu peito
Aquela flor de quimeras
De que vivi noutras eras
Vida de muito sentir...
Quando a teu seio abrigado
Minhas crenças embalava,
E meus olhos alongava
Para as bandas do porvir...

V

Olho o prado... o prado é verde;
Aos palpites dos desejos
Os amantes colhem beijos
À sombra dos laranjais;
E os cupidinhos das flores,
Os colibris inconstantes,
A exemplo de tais amantes
Se beijam nos cafezais!

VI

Mas, eu, agora, sem crenças,
A alma estéril de flores,
A vida farta de dores,
E a mocidade sem fé,
Seguindo a sombra do tédio,
Sou no meio dos ditosos
Como entre arbustos viçosos
Mirrado tronco de pé!...

VII

Vem, formosa! abre em meu peito
Aquela flor de quimeras,
De que vivi noutras eras
Vida de muito sentir... →

Quando a teu seio abrigado
Minhas crenças embalava
E meus olhos alongava
Para as bandas do porvir...

VIII

Dá, virgem, que se renovem
Em teu seio as primaveras
Daquelas saudosas eras,
E as crenças que já perdi!
Mas... tu foges? Não me queres,
Vou profanar-te os regaços?...
Vem tu, noite, abre-me os braços,
Que eu também – anoiteci...

XIV

Valsando

Que linda na valsa! nos leves rodeios!
Ai quantos anseios! ai quantos suspiros
Perdidos nos giros,
Dispersos no ar!
Que sonhos ardentes,
Que ardentes anelos,
Se prendem nos elos
Daquele valsar!

Que febres de anelos, que sonhos ardentes,
Não sonhas, não sentes, madona de amores,
Sonhando e acordada, com vida e morrendo,
Tão forte e tremendo, sorrindo – com dores!

Tão débil! tão fina! mimosa, não cansas?
Vão soltas as tranças, despidas das flores,
Enfeites de amores
Tratados assim!
Não pises nas rosas,
Não pises nos lírios;
Eu sinto os martírios
Das flores em mim!

Não pises nos lírios, não pises nas rosas,
Donzelas mimosas são todas as flores!
Irmãs da beleza têm risos, têm prantos
Também nos encantos suspiram de amores!

Não ouse o valsante tocar-te de leve
No colo de neve... roubar-te uma trança...
Amor, que tardança!
Não canses, amor!
Vai longe essa valsa
De tantos rodeios, →

Definham-te os seios
Em mágico ardor!
Vai longe essa valsa de tantos rodeios,
Definham-te os seios aos doces tremores!
Oh! para, desperta do sono da dança
Que a morte embalança nos sonhos de amores!

Oh, para! não morras nos braços do forte...
Teu leito de morte... aqui no meu seio!
Ah! vem sem receio
Aqui desmaiar!
Morrer-me, donzela,
No peito de amores,
Em paga das flores,
Que deixas pisar!
Morrer? tão donzela, tão santa, tão linda?
Não morras ainda, madona de amores!
As aves se emplumam, as flores vicejam,
Os céus nos cortejam co'os seus resplendores!

A música para. A virge' enlanguesce!
A cor desfalece do meigo semblante!
Que linda ansiante!
Que branco jasmim!
Formosa, revive,
Que tanto valsaste!
Tão débil, cansaste;
Não valeses assim!
Formosa, revive, que tanto valsaste!
Tão débil! cansaste, que pálidas cores!
Repousa em meu seio, revive em meu peito,
Mais terno que o leito das fadas de amores!

A valsa é ardente, o peito incendeia,
A valsa tonteia, a alma arrebatada!
É dança que mata
Em mágico ardor!
Revive em meu seio,
Que tanto valsaste!
Tão débil, cansaste!
Não valeses, amor!
Eu vi-te morrendo!... que dores que tive!...
Formosa, revive, tem pena de mim!
Não valeses que morres, tão débil, tão linda!
Não morras ainda! não valeses assim!

XV

Retratação

Aqui me tens; aqui venho
Dizer-te que ainda tenho
Muito amor no coração:
Aqui 'stou²² arrependido
Caído a teus pés, caído
Implorando-te o perdão!²³

Perdoa se eu duvidei!...
Sabe Deus se eu duvidava;
Se lá do peito no interno
O coração ignorava
As palavras que soltei,
Ou se eu estava no inferno
Ou o inferno todo em mi',
Se eu receava dos homens
Ou duvidava de ti?!
Os homens?! traidores todos!
E cada qual se presume
Com direito de agradar,
E quando vai não reflete
Que às vezes pode o ciúme,
Pode o ciúme matar!
Ai, não era eu no inferno,
Era o inferno todo em mim,
Eu receava dos homens,
São todos eles assim!

²² Em FF, nesta primeira parte (“Aninhas”), as aféreses em formas do verbo “estar” são assinaladas por apóstrofo, o que, na maior parte das vezes, não acontece no restante do livro. Empregamos o apóstrofo em todos os casos, e não anotamos.

²³ Em FF, o verso subsequente vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza acerca da existência (ou não) de divisão de estrofes entre este e o verso que o segue – julgamos que sim, pela simetria com a sextilha que encerra o poema.

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

Eu sei que fui arrojado,
Vilão, traidor e covarde,
Que fingi e fiz alarde
Do meu fingimento ousado!
Mas... sofri... olha-me o rosto
É o meu livro do passado!

XVI

Flor de Cardo²⁴

Vicejam todas as flores
Na prazenteira estação;
Eu definho flor de cardo,
Na várzea da solidão!

Passam por mim as abelhas,
As borboletas também;
Não me veem as borboletas,
As abelhas não me veem!

É que eu não tenho perfume
Que lhes desperte ambição;
Porque eu sou a flor de cardo
Na várzea da solidão!

Órfã de amor e de afectos,
Eu vivo à míngua de amor!
Flor sem nome, flor de espinhos,
Desditosa, infeliz flor!...

Vem tirar-me do abandono,
Eu terei outro condão!
A teu seio transplantada
Serei flor ditosa então...

O doce mel de teus lábios
Como orvalho beberei;
No perfume do teu seio
De perfumes me encherei.

²⁴ Ver nota do autor no final do livro, à p. 137.

Vem tirar-me do abandono
Deste exílio de martírios!
Rosa, pode um teu sorriso
Dar-me as venturas dos lírios!...

Uma serrana menina
Ao passar junto de mim,
Zombando dos meus queixumes,
Falou desdenhosa, assim:

“Ai, és tu, flor da tristeza?
Não te quer meu coração!
Fica-te aí co’os espinhos,
Queira-te outra, eu não!”

E deixou-me desdenhosa
No triste abandono meu!
Que nem ela em ser criança
De meus males se doeu!...

Dá-me os teus carinhos, Rosa,
Por amor destes martírios!
A teu seio transplantada
Serei a inveja dos lírios.

XVII

Rosa Branca

Que vais tu fazer aos bailes,
Que tantas vezes vais lá?
Olha, Rosa, muita sina,
Muita sina venturosa,
As salas dos bailes, Rosa,
Têm mudado em sina má!
Como às vezes na campina
Morre à míngua de seu mel
A bonina que abre os seios,
Incauta, ao zangão traidor,
Que nos seios da bonina
Deixa o peçonhento fel
Em paga do mel e odor
Do seio da incauta flor;
Assim morre e troca às vezes
Sina boa pela má
A flor que vai aos salões
Aonde a mentira está!
Toma o aviso de amigo,
Atende bem no que digo,
Rosa branca, Rosa branca!

As salas... bem sei! as salas
Com os seus artesões e galas,
E luzes, e orquestra e cantos,
Enchem os olhos de encantos,
Como os homens fementidos,
Que lá vão tanto... ai tantos!
Enchem os castos ouvidos
Das donzelas que lá vão,
De protestos e promessas
Tão longe do coração! →

Mas, ai, linda, ai, branca Rosa,
Quantas flores de lá vêm
Sem os perfumes que tinham
E que não lhos dá ninguém!?

Não; nem sempre a mais ditosa
É aquela flor, ó Rosa,
Que vai aos salões da festa.
O ar perfumoso ali
Cresta as flores – como cresta
O sol de ardente verão
O frágil e tenro jasmim
Que se abriu nessa estação!
É a verdade o que digo,
Vem a voz do coração;
Toma o aviso de amigo,
Como um aviso de irmão:
Não é sempre a mais ditosa
A flor que vai seus perfumes
Derramar pelo salão.
Toma o meu aviso, Rosa,
Não serás lá mais ditosa,
Ai, que nunca o serás, não!

Também eu já fui às salas;
Meu Deus, o que foi que vi?
Aqui – um jasmim pisado,
Desfolhado um lírio ali...
Quantas rosas desprezadas
Porque tinham emurchecido!
Quantas flores ressequidas
E por isso abandonadas?!
Ai, tantas flores perdidas!
Ai, tantas flores pisadas,
Foi só, foi só o que vi!
É a verdade o que digo
Falo-te com voz de amigo,
Rosa branca, Rosa branca!²⁵

²⁵ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza da existência (ou não) de divisão de estrofes neste ponto. A nós nos parece que há divisão, porque a estrofe que termina aqui apresenta uma conclusão (sobre o passado, a ida do poeta aos salões), ao passo que o verso seguinte volta-se para o futuro.

Um dia virá, um dia,
Que talvez não tardará!
Despertarás, branca flor,
Sem perfume e sem verdor,
Dessa ilusão. Lassa e fria
Tu'alma despertará!
Perguntarás: meu frescor?
Que fizeram do perfume
Que eu nestes seios trazia?
Qu' é da vida? Qu' é do amor,
Aquele suave calor
De que esta alma se aquecia?
Qu' é do mel que eu tinha em mim?
O que sou eu? Donde vim?
As salas, onde 'stão elas?
As minhas irmãs – as belas,
E meus noivos onde 'stão?
– Pois se beberam-te o mel
E já perfumes não tens,
Agora, vive do fel
Que foste buscar nos bailes
Entre os seus loucos vaivéns! –²⁶
Te responderá a razão.²⁷

Essa ilusão que inebria
Os olhos e os corações,
Amanhã muda e sombria,
Como as figuras de bronze
Dos já desertos salões,
Verás, de braços cruzados,
Como a sombra da Desgraça,
De pé, em frente a teu leito,
Olhar-te muda e sorrir
Com um sorrir que traspassa
Todas as fibras do peito,
E o coração vai ferir,
Ferir de morte no fundo!
Então, pálida e chorosa,
Triste imagem d'amargura, →

²⁶ Em FF, entre o travessão que introduz a resposta da razão e o travessão que a fecha, todos os versos vêm precedidos por travessões (que suprimimos).

²⁷ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza da existência (ou não) de divisão de estrofes neste ponto. No verso seguinte, o poeta retoma sua interlocução imaginária com Rosa; julgamos, então, que há divisão de estrofes.

Escarnecida do mundo,
Embalde chamarás, Rosa,
Pelo outono da ventura,
O outono não voltará,
Rosa, não voltará, não!
Ai, de ti, se não te acordas
Enquanto inda é tempo, ó flor,
Do sono da sedução!²⁸

Amanhã quando acordares,
Ludíbrico do mundo ingrato,
Murcha, desfeita, sem cor,
Então sentirás, ó Rosa,
Os espinhos do seu trato!
Clamarás contra os enganados,
Mas, de balde bradarás,
Será tarde e tudo em vão!
Ninguém t'ouvirá o clamor!
Apenas, triste, verás
Uma por uma rolares
As tuas folhas no chão!
E tu, Rosa, ai, pobre flor!
Não serás mais Rosa, não!
É a verdade o que digo,
Toma o aviso de amigo,
Como um conselho de irmão,
Rosa branca, Rosa branca!

²⁸ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza da existência (ou não) de divisão de estrofes neste ponto. Nos versos anteriores o poeta faz uma reprimenda genérica a Rosa, ao passo que, a partir do verso seguinte a este, ele se refere a uma situação bem definida e particularizada (“Amanhã quando acordares”). Por essa razão, julgamos que há divisão de estrofes.

XVIII

Açucena

I

Era uma branca açucena,
Deu-me alguém a branca flor;
Donzela que teve pena
Das queixas de meu amor:
Foi uma gentil morena
Pedi-me a branca açucena.

II

– Eu vivo, gentil morena,
Do perfume desta flor;
Deu-me alguém esta açucena
Como um talismã de amor: –
Vai ela, e disse, – tem pena!
Oh! dá-me a branca açucena! –

III

– Nos seios desta açucena
Minh'alma adormece em flor;
Oh! deixa-a dormir! tem pena,
Neste regaço de amor! –
– Troquemos, disse a morena,
Um beijo pela açucena?! –

IV

Fui eu beijei a morena
Dos rubros lábios na flor,
E dei-lhe a branca açucena,
O meu talismã de amor!
Ai, nem de mim tive pena,
E nem daquela açucena!

V

Ai, minha branca açucena,
Ai, minha mimosa flor!
Cortei o fio, sem pena,
Do sono de nosso amor!
Ai, caprichosa morena!
Ai, minha branca açucena!

VI

Foi nos seios da morena
Abrasou-se a branca flor...
Aquela branca açucena,
Aquela prenda de amor!
Seios de fogo, sem pena,
Queimaram minha açucena!

VII

O qu' é da minha açucena,
Qu' é da minha branca flor?
Agora quem terá pena
Deste amor – órfão de amor?²⁹
Dá-me a minha flor, morena,
Aquela branca açucena!

VIII

E vai responde a morena;
– Àquela mimosa flor?³⁰ →

²⁹ Deste amor – órfão de amor?] Deste amor-órfão de amor? – em FF.

³⁰ Em FF, este verso não traz travessão no início, e começa por ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

Aquela branca açucena?
Aquela prenda de amor? –
E a desdenhosa, sem pena,
Deu-me as cinzas d'açucena!

IX

Ninguém escute a morena,
Ninguém lhe ceda uma flor,
Que ela pede uma açucena
Para matar um amor,
E... rir-se, depois, sem pena,
De quem chora uma açucena!

XIX

Convite

Fujamos!... no sol da corte
Há sempre raios de morte,
Há sempre luz de traição!
Lá dos sertões na floresta
O sol as flores não cresta,
Nunca mente ao coração!

Ali não reina a mentira,
Não tem vassalo o Timbira
Que todo o Timbira é rei;
Nos reinos dos sertanejos
As leis se escrevem com beijos,
Liberdade – é nossa lei.

Ao lar da nossa choupana
Tu serás como a sultana,
Eu serei como o sultão;
Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

O nosso leito de amores
Será de gramas, e flores
Perfumosas de umeri;
Ali dormirás querida,
Bebendo os favos da vida,
Nos braços do teu peri!

Fujamos! nossas florestas,
Têm mais risos, têm mais festas
Que as salas do cortesão; →

Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

Fujamos!... vamos querida,
Viver longe a nossa vida,
Desta vida cortesã;
No regaço da ventura,
Aonde as leis da impostura
Não dão leis às de Tupã!

XX

A lagoa dos amores

Era uma vez, alta noite,
Nas horas do ressonar,
Caminhava um marinheiro
Pelas encostas do mar,
Esta cantiga cantando
Capaz de fazer chorar.

“No oceano da existência
Marinheiro viajei,
Dentro da gentil barquinha
Que Mocidade chamei,
Onde eu era todo ufano
Como em seu palácio um rei.

Era piloto a Esperança³¹
Da barquinha tão gentil,
Toda pintada de listras
Cor de rosa,³² cor de anil,
Singrando, como a gaivota
Entre as ondas, senhoril.

Quando as velas se entufavam
Das brisas do norte ou sul,
Era a barquinha uma garça
Pairando num lago azul;
Nunca um Doge de Veneza
Teve um batel mais taful.

³¹ Em FF, o primeiro verso de todas as estrofes – até a penúltima, em que se fecham as aspas abertas na segunda – trazem aspas de abertura (que suprimimos).

³² Embora a grafia hoje recomendada seja “cor-de-rosa”, por ser consagrada pelo uso, preservamos a grafia do poeta – pelo paralelismo “cor de rosa, cor de anil”. A presença ou ausência do hífen não altera o sentido.

Sulcando os mares da vida,
Parece que a vejo assim;
Sorrindo a esp'rança do leme,
Sorrindo a esp'rança pra mim
Docemente reclinado
Das crenças no camarim.

E quando o mar se encrespava
Ao peso do furacão
Vogava aquela barquinha
Qual outra nunca vi, não;
Sem ouvir a voz de – voga!
Do piloto ou capitão.

Na calmaria ou remanso,
Na vazante ou preamar,
Quando a barca adormecia
Das ondas ao murmurar,
Eu da proa assim cantava
Para a barquinha acordar:

– Desperta, gentil barquinha,
Que a procela pode vir,
Pode o – Porto do Futuro
À nossa vista encobrir;
Voga, voga, Mocidade,
Busca as praias do – Porvir!

E a barquinha despertava,
E, rompendo a calmaria,
Singrava sobre o remanso
Como se fosse em porfia;
Mas, um dia... oh! bem me lembro
Dos cachopos desse dia!

Na lagoa dos amores
A barquinha navegou,
Sopra o vento contra a popa,
E a coitada naufragou!
Piloto que a pilotava
Nunca tão mal pilotou!³³

Parte a quilha contra as rochas,
Das ondas ao escarcéu
Soçobrou-se a Mocidade, →

³³ Nunca tão mal pilotou!] Nunca tão mal piloto!.. – em FF (corrigido na “Advertência” ao final do volume).

E o piloto pereceu!
O capitão deu na costa
Do – Futuro que perdeu...

Foi ter naufrago nas praias
Das – Desilusões de amor,
Quase morre de fadiga,
Da tormenta no rigor,
Arribando noutro porto
O triste navegador!

Bateleiro sem barquinha
Não pode mais viajar;
Marinheiro que naufraga³⁴
Não deve mais navegar;
Adeus, lagoa de amores,
Não posso mais embarcar!”

Assim cantava alta noite,
Nas horas do rressonar,
Caminhando um marinheiro
Pelas encostas do mar;
Não é mais triste a cantiga
Do que era o triste cantar.

³⁴ naufraga] nuafraga – em FF.

LUCRÉCIAS³⁵

³⁵ Ver nota do autor no final do livro, à p. 138.

Qual cede um batel sem leme
Do mar e vento aos furores,
Sem força levar-me deixo
De uma torrente de amores.

A. F. DE CAST. – *Amor.* – de Ovíd.³⁶

³⁶ A. F. DE CAST. – *Amor.* – de Ovíd.] A.-F.-DE CAST. – *Amor-de Ovid.* – em FF. Esta é a quarta quadra (versos n. 13-16) da tradução de Antônio Feliciano de Castilho da “Canção 4.^a” do livro II de *Os amores*, de P. Ovídio Nasão, cujo título é “Coração para todas”. A indicação abaixo dos versos, portanto, é da obra, cujo título é *Os amores*. (Cf. CASTILHO, 1858.)

I

Nós e vós

Amo-vos a todas vós,
Raparigas,³⁷ porque nós
Dos quinze aos vinte solteiros,
Borboletas dos rosais,
Somos todos bandoleiros,
Como foram nossos pais,
Depois de nossos avós.

Amai-me, pois, todas vós,
Porque, afinal como nós
Dos quinze aos vinte solteiras,
Lindas flores dos rosais,
Sois tão boas bandoleiras,
Como foram vossos pais,
Depois de vossas avós.

Agora... casando nós,
Bem como casando vós;
– Adeus vida de solteiros,
Borboletas e rosais!
E nunca mais bandoleiros! –
E Deus vos guarde dos pais
Que inda o são depois de avós...

³⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 138.

II

Às raparigas

Travessas, formosas, gentis raparigas,
Meus lindos romances atentas ouvi:
Nasci sobre as ondas das águas do norte,
E as verdes florestas do norte corri.

Do rio – gigante – que tira o seu nome
Daquelas guerreiras dos tempos dalém,³⁸
À margem virente colhi muitos frutos,
E flores, e risos, e... beijos também!

Ao pé das cascatas, em tardes serenas,
Ao som dos ruídos das águas, – cismeí;
Que cismas de crenças! que sóis d'esperanças!
Que ar de baunilha que ali respirei!

Corri pelas veigas atrás dos galheiros,
Os méis das abelhas nos montes bebi;
E à sombra dos cedros altivos, copados,
As sextas, saudosas, nas redes dormi.

Ao pino e aos raios do sol que mais queima,
Perdido nas brenhas de incultos sertões,
Lutei braço a braço coas onças feroces,
Mais bravas, mais feras que os próprios leões!

Delgado, flexível, meu corpo mimoso,
Nas tardes calmosas do sol do Equador,
Nos lagos, nos rios nadava aboiando,
Por entre as gaivotas, das águas à flor.

³⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 139.

Em noites de lua, ao lar das choupanas,
Ouvi dos sertanos³⁹ as rudes canções;
E as lendas de amores das filhas das selvas,
E os ternos segredos de seus corações.

Nas matas, mirei-me nas águas das fontes,
Que imagem faceira nas águas sorria!...
Atentas ouvi-me, gentis raparigas,
Dizei-me, travessas, se o espelho mentia.

Meus olhos castanhos, sisudos, traquinas,
Têm fogo, têm brilho, têm lhana expressão!
Audaces,⁴⁰ medrosos, esquivos, quietos...
Meus olhos, dizei-me: formosos não são?

Meus lábios... meus lábios pequenos, risonhos,
Uns longes tirando da cor do carmim,
Dos méis e perfumes das flores sedentos...
Pois há muitos lábios mimosos assim!...

E os negros cabelos, e as faces de jambo,
E os buços macios abrindo-se em flor?
E uns traços de *triste* que eu tenho na fronte,
E o sangue nas veias coando em fervor?...

E a boca tão breve... e as doces palavras,
E a idade viçosa da meiga estação?
E as minhas cantigas, e um peito que é terno,
E os muitos desejos do meu coração?...

Dizei-me, travessas, gentis raparigas,
Dizei-me, formosas, se o espelho mentia?
Tão cheio de dotes e os dotes tão raros,
Não era galante o retrato que eu via?

Pois bem; das florestas, das matas virentes,
A mão da ventura me trouxe até aqui;⁴¹
Perdido entre as gentes, perdi-me de amores
Por todos os olhos das moças que vi...

³⁹ Esta palavra não consta do VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa, versão digital, disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

⁴⁰ Esta palavra (“audace”) não consta do VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa, versão digital, disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

⁴¹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 139. Leia-se: “A mão da ventura me trouxe até ’qui”.

Eu ando perdido com os dotes que tenho...
Que sina! que pena! que triste condão!
Se dentre vós uma quisesse ser noiva...
Que noivo lhe eu dera, e ai, que noivo então!...

É tempo, e inda há tempo! – é fero destino
Perderem-se dotes tão raros assim!
Se dentre vós – uma quiser um marido,
Me escreva uma carta dizendo – que *sim*.

III

Teresa

Quem vem da igreja? Teresa
Que foi casar-se... surpresa!
Não esperava este azar!
Nunca me turbara a ideia
Esta lembrança tão feia
De que podia casar!

Que *não cuidei* vejo agora,
Porque mo afirma esta hora,
Que inesperada bateu!
Casada! vejo-a casada!
Jesus! como está mudada!
Pois também mudarei eu.

Secai, esp'ranças viçosas,
Emurchecei, perfumosas
Flores, que eu tanto reguei!
Coração, meu pobre filho,
Velho 'stás, segue o meu trilho,
Enruga como enruguei!

Casou-se aquela trigueira,
Que para nós tão fagueira
Se mostrava; já casou!
Aquele mesma Teresa,
Que a correr pela devesa,
Tantas vezes nos cansou!

Olhem como vem pimpona!
É uma senhora dona,
Reparem como ela vem... →

Seu marido vem com ela
Todo cheio de cautela,
Que muitos ciúmes tem!

Olhai-a, como nos foge!
Como mais esquivos hoje
Seus olhos fogem de nós!
Agora que 'stá casada...
Não irá mais à latada
Colher as uvas a sós...

Já não veste saias curtas,
Como outrora a colher murtas,
Jambos ou maracujá,
Pelos declives dos montes
Ia, e depois vinha às fontes,
E nós estávamos lá...

Veem?⁴² é outra! é outra... olhai-a!
É vestido, não é saia,
Teresa a mesma não é!
E que vestido comprido!
Não deixa ver o vestido,
Nem a pontinha do pé!...

Adeus, senhora Teresa!
Salve o pobre na pobreza,
Que isso não lhe fica bem!
Soberba co'o seu marido,
Soberba co'o seu vestido,
Já não conhece ninguém!

Deixe-se de soberbias,
Lembre-se daqueles dias,
À sombra dos cafezais...
Descora... não tenha medo!
Vá tranquila que o segredo
Da minha boca... jamais...

Jamais... e jamais suponha
Seu marido que a vergonha
À casa lhe hei de eu levar...
Jamais, senhora Teresa,
Que eu também tenho a certeza
De algum dia me casar.

⁴² Veem] V'em? – em FF.

IV

Os meus olhos em leilão

EU, BETA E JOANINHA.

EU

Compra-me estes olhos, Beta,
Vou vendê-los em leilão;
Deita o lance, ó Joaquina!
Quanto por eles me dão?

BETA (*com desdém*)

Quanto a mim, Deus me perdoe,
Nem de graça me convêm;
Quando o próprio dono os vende,
Vejam que préstimo têm...
Fazem-lhe conta, priminha?
Aproveite a ocasião...

JOANINHA (*com arrufo*)

Pois eu lá precisei nunca
De olhos de segunda mão?!

EU

Cuidam que vendo estes olhos,
Ou que de graça os daria...

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

BETA (*com desprezo*)

Quem é que precisa deles?

JOANINHA (*com escárnio*)

Quem é que lhos compraria?

EU (*parodiando*)

Quem é que precisa deles?
Quem é que mos compraria?
Quem souber que a SORTE GRANDE
Lhes saiu na loteria...

BETA (*rindo*)

A sorte grande!... priminha...

JOANINHA (*rindo também*)

A sorte grande! ora qual...

EU

Olha este bilhete, Beta;
Joaninha, toma o jornal.

BETA (*lendo o n.º do bilhete*)

Cinco mil... e trin...ta e qua...tro...

JOANINHA (*conferindo no jornal*)

E trinta... e qua...tro... aqui... 'stão...
Vinte contos...⁴³

⁴³ Vinte contos...] Vinte contos.. – em FF.

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

BETA (*dramática*)

Vinte contos!...

JOANINHA (*trágica*)

Priminha, é quase um milhão!...

BETA (*com pasmo*)

Vinte contos!... que riqueza!...

JOANINHA (*dando um passo para mim*)⁴⁴

Co'os lindos olhos que tem...

BETA (*adiante de Joaquina*)

Se eu tivesse uns olhos desses...

JOANINHA

Eu se os tivesse também...

BETA (*com ternura*)

Uns olhos tão expressivos...

JOANINHA (*com meiguice*)

Que falam ao coração...

BETA (*tomando-me a mão direita*)

Que têm raios...

⁴⁴ A presença do “eu” entre os interlocutores, esta indicação cênica e duas outras logo adiante – “(tomando-me a mão direita)” e “(tomando-me a mão esquerda)” – permitem que se classifique a cena dramática no gênero lírico...

JOANINHA (*tomando-me a mão esquerda*)

Que têm brilho...

EU (*com diplomacia*)

E agora quase um milhão...

BETA (*con amore*)

Deixa que eu ame os seus olhos?

JOANINHA (*solto voce*)

Deixe que eu lhes beba a luz?

EU (*profundamente comovido*)

Deixo... sim... mas, o bilhete...

AMBAS

O bilhete?...

EU

É falso...

AMBAS

Cruz!...

(E ambas deram-me as costas, deixando-me na posição mais cômica da minha vida...)

V

Moreninha

- Moreninha, dás-me um beijo?⁴⁵
– E o que me dá, meu senhor?⁴⁶
– Este cravo...
– Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.
- Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um corte de cambraia. –
– Por um beijo tanto pano!
Compro de graça uma saia!
Olhe que perde na troca,
Como eu perdera coa flor;
Tanto pano por um beijo...
Sai-lhe caro, meu senhor.
- Anda cá... ouve um segredo...
– Ai, pois quer fiar-se em mim?
Deus o livre; eu falo muito,
Toda mulher é assim...
E um segredo... ora um segredo...
Pelos modos que lhe vejo
Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo!?

⁴⁵ beijo?] beijo – em FF. O poeta, expressando a convicção de que receberia o beijo, poderia, também, ter usado o ponto-final (pois usa o presente do indicativo (“dás-me”). No primeiro verso da estrofe seguinte, o emprego do artigo definido “o” antes de “beijo” é ambíguo, pode confirmar essa interpretação.

⁴⁶ Este verso, em FF, vem um pouco mais deslocado para a direita. Adotamos, para ele, o mesmo critério dos demais versos do poema.

- Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
– Acha, pois? e o que tem isso?
Quer ser rei, por vida minha?
- Quem dera que tu quisesses...
– Não duvide, que o farei;
Meu senhor, case com ela,
A rainha o fará rei...
- Casar-me?... inda sou tão moço...
– Como é criança esta ovelha!
Pois eu pra beijar crianças,
Adeusinho, já sou velha.

VI

Flora

Agora... agora!... murmurei baixinho
Nos ouvidos de Flora, a gentil Flora!
Não há tempo a perder, é pouco o tempo!
Dá-me o beijo de amor... agora!... agora!...

Agora... agora!... que propício instante
Para o beijo de amor que Amor implora!
Esconde o rosto por detrás do leque,
Como quem não me viu... agora... agora!...

Há mais de um ano que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora!
Há tanto tempo!... meu amor... meu anjo!
Agora... agora! dá-me o beijo... agora!...

Voltou seu rosto: por detrás do leque
Por um triz eu beijara a gentil Flora,
Se o maldito do pai não vem saudar-me,
Perguntando a sorrir – não dança agora?!

Há mais de um ano que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora;
E quando cuido havê-lo bate as asas...
Leve-te a breca o pai, querida Flora!

VII

O calote⁴⁷

(IMITAÇÃO DO FRANCÊS)

Saí da minha oficina
Inda não era o sol-posto;
Em meu caminho encontrei
Trigueira, gentil menina
Toda inteira de meu gosto:
Fui – junto dela parei.

Tomei-lhe as mãos trigueirinhas,
(Que macias mãos aquelas!)
Beije-as com frenesi...
– De todas as moreninhas,
Lhe disse, de todas elas
És a mais linda que vi!

– Vamos aos bosques, morena?
Vamos ver os arvoredos,
Que muitos há para ver!
A tarde vai tão serena...
E eu tenho tantos segredos
Que tos queria dizer...

Fui-lhe do braço travando,
Sem mostrar constrangimento,
Que eu a levasse deixou;
Porém, aos bosques chegando,
Com ares de sofrimento,
Em pranto se desatou.

⁴⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 139.

– Que tens, por que choras, bela?
Eu não te fiz resistência
Tu mesma o podes dizer?...
– Ai! soluçou, pobre dela!
Eu choro a minha inocência...
Que vais deitar a perder... –

– Está bem; por Deus, não chores!
Não tocarei a inocência
Que Deus manda respeitar;
Tornemos ao campo: as flores
Vai colher da adolescência,
Vai pelos campos saltar.

– Livre 'stás, podes agora,
Lhe disse ao campo chegando,
Podes rir, podes brincar; –
Vai ela, com voz sonora,
Negros olhos requebrando
Pôs-se zombando a cantar.

– Que tens pra cantar, trigueira?
Responde, por vida minha,
Que tens para assim cantar?
Respondeu; – a sua asneira!
Teve entre as mãos a galinha
E não soube depenar!... –

VIII

A filha do mestre Anselmo

Mestre Anselmo – sapateiro,
No seu ofício o primeiro,
(O primeiro remendão),
Tinha uma filha formosa,
Chamava-se a filha Rosa,
E era rosa em botão.

Como num trono assentado,
Mestre Anselmo repimpado
Na tripeça era um sultão;
Mas, à minguia de fregueses,
Passava meses a meses
Sem remontar um tacão.

Um dia o rei da craveira
Nomeia a filha caixeira,
E põe a filha ao balcão:
Acabaram-se os reveses,
Mestre Anselmo tem fregueses,
Já não pode medir mão.

De tão grande freguesia
O mundo todo dizia
Ter ganho o mestre um milhão;
Não que lho desse a craveira,
Mas os olhos da caixeira
Que tinha posto ao balcão...

Certo ou não certo o comento,
Por minha vez acrescento,
E tenho *certa razão*... →

Mestre Anselmo enriqueceu,
Mas filha... empobreceu
No *melhor* do seu *quinhão!*...

Quem quiser no seu ofício,
De mesquinho benefício,
Ser rico do pé pra a mão:⁴⁸
Tenha uma filha formosa,
E, como o patrão de Rosa,
Vá pondo a filha ao balcão.

⁴⁸ “do pé pra a mão”: pronuncie-se “do pé pra mão”. O poeta parece ter entendido que o “pra” (grafado à maneira da época “p’ra”) era forma sincopada de “para” (o que realmente é): devia-se entender “do pé para a mão”, forma que seria metricamente incorreta. O artigo “a” antes de “mão” concerta-se com o artigo “o” antes de “pé” – mas não é pronunciado.

IX

Ingenuidade

Pedi-te um beijo coraste!⁴⁹
Teus olhos no chão fitaste,
E a rosinha desfolhaste
 Que te dei!
Foi um pedido inocente,
Impulso de afeto ardente;
Ofendi-te, seriamente
 Não pensei!

– Pois eu também não cuidava,
Quando a rosa desfolhava,
Que tanta mágoa lhe dava
 Que lhe dei!
O senhor pediu-me um beijo.
Eu também tinha desejo...
Mas, quando quis veio o pejo,
 E... eu... corei!

– Inocente!... teve pejo!
Agora então, dá-me o beijo?⁵⁰
É tão grande este desejo
 Com que 'stou!...
– Não se amofina comigo?
– Ah! não vês? sou teu amigo...
– Veja o que diz!...
 – É o que digo...
– Não lhe dou!

⁴⁹ Este verso, como o exigiria o diálogo mantido ao longo do poema, deveria vir precedido de travessão, assim como deveria trazer vírgula depois de “beijo”. Respeitamos a grafia do poeta, por reconhecer nela certo valor expressivo; o poeta que fala no verso encontra-se sob forte emoção, o que justificaria os lapsos.

⁵⁰ Ver nota 45, à p. 63.

– Quisera que me dissesse
Que novos modos são esses
De tratar-me... só mereces
 Meu desdém!
Já não preciso de beijo,
Ou seja inocência ou pejo,
Boas-festas lhe desejo,
 Passar bem!

– Não ralhe que me entristeço!
O seu desdém não mereço...
Olhe... vê... como *ingordeço*...⁵¹
 Olhe bem...
Não olha? 'stá mal comigo?
Olhe, para meu castigo
Veio tarde, meu amigo,
 Vou... ser mãe!⁵²

– É crível? na flor dos anos
Pôde haver entre os humanos
Quem ousasse... desenganos!
 É tal e qual!
Reparei... tinha uma pança
Aquele pobre criança,
Que poria em contradança
 Um arsenal!

—
Do sentimento no excesso,
Maldisse a luz do progresso,
Que deixa ver pelo avesso
 As ilusões!
Doído, sensivelmente,
Deixei aquela *inocente*
Dizendo piedosamente
 Co'os meus botões:

– Pobre menina! tão cedo!
Abuso do século!... ai!
(Há de ser linda a criança...
Se, *ao menos*, eu fosse o pai?!)

⁵¹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 140. Como ocorre na grafia, frequente no poeta, de “u” no lugar de “o” em sílabas pretônicas, é frequente, também, a grafia de “i” no lugar de “e” em sílabas pretônicas[nessas mesmas sílabas]. Esse alçamento de vogais é comum na língua oral – nós adotamos a grafia normal das palavras, porque essa grafia não impede o alçamento prosódico (já que não há, na língua, relação estrita entre a escrita e a prosódia/fala. Ver nota 11, à p. 12.

⁵² Observe-se a rima, que exige pronúncia à maneira lusitana: “bem/mãe”.

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

– Que a rapariga solteira
Em abraçando um rapaz...
Ferve-lhe o sangue nas veias,
E depois...
 – E depois?...
 – *Zás!*

Arregaçando o vestido
Deitou-se Laura a correr;
Deixando-me boquiaberto
Co' o sangue todo a ferver!

XI

Mal de um beijo

– Dá-me o beijo! pode um beijo
Deixar-te acaso senão?
E sei beijar tão de leve...
Dá-me o beijo, Lídia?
– *Não.*

– Mesquinha! pródigas outras⁵⁵
Quantos beijos aí dão?...
Não sejas pródiga, embora,
Mas... um beijo ao menos?
– *Não.*

– Não te peço um sacrifício
Em paga deste vulcão,
Que trago dentro do peito,
Dá-me um beijo em paga?
– *Não.*

– Inferno! Que amante és Lídia,
Pois sempre a dizer-me não,
Quando um beijo te suplico
Nos ardores da paixão?...

– Que me pedes para prova
De minha extrema paixão?
Vai dizendo, verás, Lídia,
Que não sei dizer-te – *Não.*

– Há de compor um romance,
Que fale somente em mim, →

⁵⁵ Em FF, este verso não traz travessão no início.

Que acima das moças todas
Me punha em beleza?

– *Sim.*

– Não há de deixar que eu viva
Por muitos meses assim?
Aborreço o meu estado...

– Sim, Lídia, três vezes sim.

– É toda a minha ventura⁵⁶
Casar-me, meu serafim;
Assim queiras... queres?

– *Quero!*

– Está dito... beijo?

– *Sim!*

E beijei-a... Mas o beijo
Arrefeceu a paixão...
Hei de compor-lhe o romance;
Mas casar com Lídia? – *Não.*

⁵⁶ Em FF, este verso não traz travessão no início.

XII

Francina

No templo de Deus, Francina
Devota rezando 'stava;
Seus negros olhos fitava
No lenho da redenção:
E em silêncio revelava
As preces do coração.

De joelhos, de mãos postas
Para o céu as levantava,
E mais formosa ficava
Nessa humilde posição:
Eu, que herege a contemplava,
Tinha fé e devoção...

De mãos postas, a⁵⁷ seu modo
Eu também me ajoelhava,
E rezava... oh! se rezava!
Com devoção... com fervor.
Mas... de Deus não me lembrava
Naqueles salmos d'amor!

Não me lembrava de Deus...⁵⁸
Não! o Deus, que eu adorava,
De quem a graça implorava
Nas preces do coração,
Seus negros olhos fitava
No lenho da redenção...

Era, sim, meu Deus Francina
Que a devoção me inspirava, →

⁵⁷ a] à – em FF.

⁵⁸ Deus...] Deus .. – em FF.

Era o Deus, que eu adorava
Das orações no fervor...
Como devoto rezava
Eu rebelde pecador!...

“Rezas para Deus, Francina?
Eu, Francina, para ti!
Minhas culpas, querubim,
Me pesam no coração!
Perdoa se te ofendi
Amando com devoção
A esses olhos serenos,
A esses lábios – rubins,
A essas faces – jasmins,
Essa toda – perfeição!
Pequei, pequei! ai de mim
Se morro sem teu perdão!
Volve teus olhos piedosos
Para o pecador – cristão!
Dá-lhe um riso! salvação
Para esperanças d’amor,
Que às bordas do inferno ’stão,
Com elas o pecador!
Pelo amor desses teus olhos,
Que fanais d’amores são,
Eu te exoro o meu perdão
D’amar-te com tanto amor!
Francina, tem compaixão!
Graça, graça ao pecador!”

De mãos postas, a⁵⁹ seu modo
Eu também me ajoelhava,
E deste modo rezava
Com devoção, com fervor;
Quem sabe se eu me salvava
Sendo sempre pecador?...

⁵⁹ a] à – em FF.

XIII

Ignez⁶⁰

– Lembras-te, Ignez?
À sombra desta mangueira
Aquele vez?

– Eras então mais fagueira,
Não eras má!
E a vida mais prazenteira
Do que hoje 'stá!

– Tinhas talvez...
Tinhas... quantos anos tinhas,
Lembras-te, Ignez?

São cousas das Afonsinhas,
Já lá se vão...
Eu sei cá essas cousinhas
De quando são.

– Que desamor!
Não te lembras do passado?
– Eu não, senhor.⁶¹

Anda-me o tempo ocupado
Dos dias meus
Co' o meu maridinho amado,
O sô Mateus.

⁶⁰ Em FF, neste poema, o poeta sinaliza de modo irregular o diálogo. Fomos obrigados a fazer diversas intervenções, uniformizando assim, pelo uso de travessão, a alternância dos interlocutores. Registramos em nota todas as intervenções feitas.

⁶¹ Em FF, este verso não traz travessão no início.

– Casaste, pois?
– Tal e qual...⁶²
– Tens bom marido?
– Vale por dois.⁶³

Seja-me o fado servido
De o conservar,
Como até hoje o tem sido
Desde o altar,

E eu lhe direi
Se a sorte de outra casada
Lhe invejarei.

Também fiel, desvelada
Mulher assim,
Não lhe há de ser apontada
Depois de mim.

– Com que então,
Fizeste um bom casamento?
– Foi de encher a mão!⁶⁴

E tenho o contentamento⁶⁵
De lhe dizer
Que irei morrer num convento
Se *ele* morrer.

– Ora esta Ignez!
E há quantos anos casaste?
– Vai para um mês.⁶⁶

– Há poucos dias...
– Afaste!⁶⁷
Veja o que faz!
Querer-me beijar? sô traste!
É muito audaz!

– Como és cruel!
Não quero beijar-te, quero
Dar-te este anel.

⁶² Em FF, este verso não traz travessão no início.

⁶³ Em FF, este verso não traz travessão no início.

⁶⁴ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁶⁵ Em FF, este verso traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?) no início.

⁶⁶ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁶⁷ Em FF, esta parte final do primeiro verso da estrofe não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

- Vá-se daí...⁶⁸
– Como é fero
Teu coração!
Não há peito mais austero,
Por Deus, que não!
- Prezo-me assim...⁶⁹
– Já não és a Ignez d'outrora...⁷⁰
– Pois sim, pois sim!⁷¹
- Adeus, Ignez, vou-me embora,
Deixa-te 'star!...
Toma o anel; deita-o fora
E este colar.
- Lá isso não,⁷²
Por soberba não rejeito
O que me dão.
- Então aceitas?
– Aceito...⁷³
– Querida Ignez!
Inda tens o mesmo peito...
– Eu não...⁷⁴
– Talvez...
- Valha-me Deus!
– Quem vem ali manquejando?⁷⁵
– É o sô Mateus!...⁷⁶
- Fuja, fuja! vá-se andando⁷⁷
Com pés de lã...
– Adeus, Ignez... até quando?
– Volte amanhã...⁷⁸

⁶⁸ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁶⁹ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁷⁰ Em FF, este verso não traz travessão no início.

⁷¹ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁷² Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁷³ Em FF, esta parte final do primeiro verso da estrofe não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁷⁴ Em FF, esta parte inicial do último verso da estrofe não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁷⁵ Em FF, este verso não traz travessão no início. Em nosso entendimento, quem fala no verso é o interlocutor de Ignez.

⁷⁶ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

⁷⁷ Em FF, este verso traz aspa simples de fechamento no início (apóstrofo?).

⁷⁸ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspa simples de fechamento (apóstrofo?).

XV

Adeus às⁸⁰ raparigas

Sabeis, raparigas! a mãe de Felícia,
Felícia a risonha, gentil costureira
Com quem pela páscoa, sem ser por malícia,⁸¹
Gastei muitas *notas* da minha carteira;

Felícia a dos olhos mais negros que hei visto,
De faces coradas, cintura maneira,
E uns lábios de favos... de favos, é isto!
Beije-os um dia, mas por brincadeira;

Felícia que, há meses, comigo jogando
Da mãe às ocultas, sentada na esteira,
Em vendo que a vela se 'stava apagando
Desmaia em meus braços... de certa maneira...

Felícia, a acoitada! que teve a desgraça
De ser descendente da velha parteira,
Que dizem (mas isto não chegue na praça),
Compor elixires de moça solteira...

Sabeis, raparigas! a tal criatura
Quer hoje que a filha professe de freira!
Por quê? veem a birra? da filha a cintura
Não vê como outrora delgada e maneira?!

E nisto a pé firme jurando aos bentinhos,
Não cede a pedidos nem a choradeira!
E o mais? não vos conto!... não disse aos vizinhos
Que eu era o culpado da filha ir ser freira?

⁸⁰ às] as – em FF.

⁸¹ Com quem pela páscoa, sem ser por malícia,] Com quem pela páscoa, sem por malícia, – em FF (corrigido na “Advertência” ao final do volume).

Que tem a cintura da filha comigo,⁸²
Dizei, raparigas, não é forte asneira?
Mas isto é já sério, tão sério, vos digo,
Que tiro a desforra de tal maroteira!

Adeus, raparigas, estou decidido...
Não sou mais quem era, mudei de carreira;
Pois façam de conta que tenho morrido,
Que eu vou-me a ser frade no claustro da freira.

⁸² Em FF, este verso começa por ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

DISPERSAS⁸³

⁸³ Nas Notas do autor ao final do livro, não há separação entre as notas desta parte – “Dispersas” – e as da segunda – “Lucrécias”.

Canto extremo de um cego

(HISTÓRICO)

(A⁸⁴ José Caetano Pinto Júnior)

– “Eu tinha um único amigo,
Tinha só ele e não mais;
Vivia sempre comigo
No exílio da desventura:
Por mais feliz criatura
Não me deixava jamais.

Na minha infância primeira,
Meus débeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira
Meu condão amenizava:
E quando a esmola faltava
Ele nunca me faltou.

Era o meu único afecto,
Na cegueira o meu bordão;
Debaixo do humilde tecto,⁸⁵
Quando a febre me prostrava,
Quem dos meus males cuidava,
Era só ele – o meu cão.

Todo o dia ontem chamei-o,
Não latiu... não respondeu!
Já como dantes não veio!
Quem sabe se anda perdido,
Ou dalgum ferro transido
Quem sabe se não morreu?

⁸⁴ A] À – em FF.

⁸⁵ Embora a palavra “tecto” já não esteja registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão *on-line*), conservamos a grafia antiga da palavra, por causa da rima com “afecto”, que ainda está registrada. Fica facultada as pronúncias “teto/afeto”.

Ou quem sabe se a velhice
Do cego o amedrontou?
Talvez, o ingrato... o que disse?...
Chamei-te de ingrato! amigo,
Perdão! não sei o que digo,
Que nem já sei o que sou!

Ingrato – não. Tu não tinhas,
Na pele envolta de cão
Uma irmã dessas ideias – mesquinhas
Afeições vis – dos traidores,
Que vão mentir aos senhores⁸⁶
Nos régios palácios, não!

*

Ai de mim, tão desgraçado
Que nunca mais te hei de ter!
Quem hoje ao cego acurvado
Ao peso de tantos anos,
Quem virá dentre os humanos
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe há de guiar os passos
Mendigando o escasso pão?
Ou quem lhe há de abrir os braços,
Quando, à míngua de alimento,
Ficar na rua ao relento?
Ninguém, ninguém... nem um cão!

*

Quem me vir o meu Pardinho,
Por piedade, pelos céus!⁸⁷
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez defínhe à fome,
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus!

Mas, se o topar moribundo,
Pelo amor que a mãe lhe tem!...
Diga-lhe que neste mundo →

⁸⁶ Que vão mentir aos senhores] Que vão sorrir aos senhores – em FF (corrigido na “Advertência” ao final do volume).

⁸⁷ pelos céus!] pelos, céus! – em FF.

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

O cego que ele guiou,
Quando o seu cão lhe faltou,
Morreu de fome também!” –⁸⁸

⁸⁸ Morreu de fome também!” –] Morreu de fome também! –” – em FF. No início do poema, as aspas vêm depois do travessão inicial, antes da primeira palavra; por simetria, no fechamento do poema, entendemos que o melhor lugar para as aspas é antes do travessão.

As nuvens

As nuvens são virgens, que a terra deixaram,
*Da curva celeste povoam a amplidão,*⁸⁹
São virgens formosas, e o homem não pode,
Não sabe enxergá-las tais quais elas são.

*Aquelas que trajam alvacentas roupagens,*⁹⁰
E pairam mais perto da vida daqui,
São virgens que sentem saudades da terra,
Querendo a existência da vida *dali*.

Aquelas que vestem roupagens de cisne,
E pairam mais perto das portas dos céus,
São virgens que os sonhos de amores da terra
Aqui não sonharam... sonharam com Deus.

Aquelas que em roupas da cor da tristeza
Se envolvem são virgens, que a terra ofendeu...
São pálidas virgens, que a terra maldizem,
Seus crimes espiam pra entrarem no céu!

*

As nuvens da noite são virgens tristonhas,
Que espiam seus crimes pra entrarem nos céus;
As nuvens da tarde são virgens *saudosas*,
As nuvens d'aurora – são noivas de Deus.

Aos 12 anos de idade.

⁸⁹ Sobre este verso e o primeiro da estrofe seguinte, ver nota do autor no final do livro, à p. 140. Leia-se: *Da curva celeste povo' amplidão*.

⁹⁰ Leia-se: *Aquelas que traj' alvacentas roupagens*.

Às donzelinhas

(CONTO)

Uma abelha disse à rosa;
– À rainha do vergel
A sultana da colmeia
Traz um beijo todo mel.

– Pois aceito, disse a rosa,
O teu beijo todo mel.
A sultana beija os seios
Da rainha do vergel.

*

Procurando aquele beijo,
A rainha do vergel,
Em seus seios ressequidos
Não achou gota de mel!

– Ai!... maldisse! E morre à míngua
Das doçuras de seu mel!
E a sultana da colmeia
Riu da incauta do vergel...

*

Inocentes, não se esqueçam
Da rainha do vergel:
As abelhas fazem favos
À custa de alheio mel!

Maria

Ai, Maria! na várzea d'esperanças⁹¹
Desmaiaram as rosas de amores,
E não há de jamais outras flores
Essa várzea viçosas brotar!
Mas, não chores! as dores são minhas,
As insônias e o tédio da vida!
Ai, Maria! a ventura perdida
Nunca mais hei de eu vê-la tornar!

Tu verás o jambeiro vestir-se
Pelo outono de frutos e flores,
Aos da sorte benignos favores
Meiga a vida sorrir-te verás!
Terás tardes, manhãs prazenteiras,
Outras noites de sonhos mais belos:
E, cativo a teus gratos desvelos,
Outro amante mais f'lice terás!

Eu serei no abandono esquecido!
Tu serás no bulício entre galas,
A querida, a formosa das salas
Entre risos, e afectos de amor!
Amanhã entre as palmas ruidosas,
Entre a orquestra dos hinos e danças,
Hás de, certo, esquecer as lembranças
Dos amores do teu trovador!

Amanhã meus afectos e extremos,
Meus amores, meu nome, querida!
Nos prazeres da festa embebida
Hás de, certo, esquecer! amanhã!
Eu serei no abandono esquecido, →

⁹¹ O poema está composto em versos eneassílabos. Leia-se: “Ai, Maria! na várzea d’esp’ranças”.

Tu serás nos bulícios das salas,
Noiva envolta em cambraias de galas,
Dália branca entreabrindo louçã!

Dormirás sobre leitos dourados
Perfumados do aroma das rosas,
Aos sons ternos de notas saudosas
De outra lira que a minha melhor!
Dormirás... e a teu lado, em vigília,
O ditoso tremendo de anelos,
Beijará teus castanhos cabelos
Nos delírios da febre de amor!

E depois... e depois... quantos beijos!...
Que de anseios! que arroubos! que sono!
E eu serei como a flor no abandono
Que a donzela por outra esqueceu!
Mas... não chores! as dores são minhas,
As insônias e o tédio da vida!
Ai, não chores, não chores, querida,
Só eu sei o que esta alma perdeu!

Por que choras, se tens de esquecer-me
Amanhã no renovo de amores?
Só minh'alma compr'ende estas dores!
Estas dores quem sente sou eu!
Para mim – não há flores nas várzeas,
Uma estrela no céu!... ai, não chores!
Para ti – lá vicejam mil flores,
Lá despontam mil astros no céu!

O meu segredo

Os que me veem sempre ledos,
Dizem que tenho o segredo
Do prazer;
Não sabem que um riso, às vezes,
Os lábios unta coas fezes
Do sofrer.

Cuidam que só a ventura
Risos tem!
No seio da desventura
Há-os também.

Triste sou; mostro-me ledos,
Não é que tenha o segredo
Do prazer;
É que, se andasse chorando,
Topara o mundo zombando
Do sofrer.

Ninguém não queira os sofreres
Para si,
E que sob falsos prazeres
Trago em mi'.⁹²

Vós, que pensais que meu peito
A prazeres vive afeito,
E dizeis:
Que a amor devo mil favores,
É que os mistérios de amores
Não sabeis.

⁹² Embora a língua portuguesa tenha tido, em outros tempos, o pronome “mi”, equivalente ao atual “mim”, preservamos a grafia do autor, que sinaliza com apóstrofo a supressão do “m” final (tirando assim a nasalidade do “i”, para perfeição da rima).

É que em vós amor não passa
De um – querer
Querer de torpeza crassa,
Pra temer...

Se em vós amor fosse a chama
Em que a poesia se inflama
Na razão,
E não – ansiante desejo,
Que faz num toque, num beijo
Explosão;

Se em vós amor tão somente
Fosse – amar,
Não um louco, um veemente
Desejar;

O timbre de ser amado,
De ter o amor algemado
Noutro amor:
O timbre... mas... já diviso
Em vossos lábios o riso
Zombador!...

Eis por que mostro-me ledó,
Sem o ser;
Ri-se o mundo do segredo
Do sofrer!...

.....
Pois sim, ride, mofadores,
Profanos vis, se de amores
Do templo os umbrais sagrados
Um passo passais além:
Vamos de braços travados,
Sou ledó, vede, sou ledó!
Do prazer tenho o segredo,
Vede? – Eu rio-me também...

.....

Foi numa sala de festa,
Eu a vi; triste e modesta,
Branco lírio da floresta
No jardim do cortesão:
Indiferente às doudices
Das quadrilhas, nas ledices
Era a infeliz entre as f'lices
Das doudices do salão.

Tinha uns olhos langorosos,
Nos volveres vagarosos,
Entristecidos, medrosos,
Ou cismáticos talvez...
Indolentes, distraídos
Como da festa esquecidos,
Dos aplausos os ruídos
Davam-lhe mais languidez!

Com suas roupas singelas,
Entre as galhardas donzelas,
Foi a formosa entre elas,
A mais formosa que vi!
Oh! se eu cresse nas mulheres,
De seus solhos nos volveres,
Eu lhe contara os sofreres
Dos amores que sofri!

Fervia a dança! a donzela
Não tomava parte nela...
Oh! quem pudesse entendê-la
Da indiferença no amargor!...
Dizer-lhe palavras dessas
Tão próprias para as promessas,
Que o mancebo faz às pressas
Falando às pressas de amor...

Mentir! é santa a mentira,
Quando mentindo se aspira
Acender d'amor a pira,
E sondar obras d'amor!
Oh! se eu cresse nas mulheres,
De seus olhos nos volveres,
Eu lhe sondara os sofreres,
Mentindo sofrer pior!...

Mas eu? ai! não posso crê-las!
Tão fementidas são elas!
Quanto mais lindas, mais belas
Tanto mais mentidas são...
Todas têm, por natureza,
Sob o véu da singeleza,
Abraçada coa beleza
A denigrada traição!

A brisa e a veiga

(À SINHAZINHA FELICIANA DE CASTILHO)

I

Risonha floresce a veiga,
A primavera a floriu;
Vem a brisa, enamorada
No seu regaço dormiu.

Na embriaguez dos perfumes
Sono profundo a tomou;
Passa o furação do Norte,
Flores da veiga levou.

II

E a veiga fica despida
Do seu enfeite vernal,
Como um arbusto sem folhas
Em fria noite invernal.

III

Acorda a brisa estranhando
O regaço em que dormia,
Leito de amor e perfumes
Quando a veiga florescia.

E a brisa pergunta à veiga;
– Quem teus encantos levou?
Que é feito de tantas flores,
Que a primavera brotou?

E a veiga responde à brisa;
– Que responda o furacão!
Tu só me restas agora...
E a brisa desmente: – Eu, não!

Disse, e dizendo abandona
O regaço em que dormiu,
Que a brisa só ama a veiga,
Que a primavera floriu!

IV

A donzela é como a veiga,
A brisa como o traidor;
Perdendo aquela os encantos,
Este acaba o seu amor.

A vida é lenta

A vida é lenta como um velho trêmulo
Curvado aos anos,
Quando se vive como eu vivo, Eugênia,
Sem lar, sem pátria... mendigando afetos,
Mercês de Jânus!⁹³

—

Quando o talento desabrocha pálido
Por entre gelos!
E se desfolha⁹⁴ no embrião as rosas
Do poeta que anseia, e tem vinte anos,
Crenças e anelos!

—

Quando é preciso profanar as lágrimas
De amor e moço,
Para ter pátria, e na pátria um nome!
Para de pobre não sentir os travos
Do pão insosso!

—

Quando no exílio do desprezo o mérito
Geme caído,
Escárnio e alvo do canino acinte
De quem se eleva e a nação desonra
Engrandecido!

—

A vida é lenta como um velho trêmulo
Curvado aos anos,
Quando se vive na manhã da vida
Sem lar, sem pátria, mendigando afetos,
Mercês de Jânus!

⁹³ O *VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa* traz apenas a forma “Jano”. Grafamos “Jânus”, nesta e na ocorrência seguinte, como está em FF, pela rima com “anos”.

⁹⁴ Deveria ser “desfolham”. Descuido do autor? Erro tipográfico?

Cora

Esquiva, gentil morena,
Por esses olhos castanhos,
De que eu não sei me esquivar,
Se tu quisesses ter pena
Destes desejos tamanhos
Que tenho de te beijar;

Por essa mesma esquivança,
Por estes doces anelos
Que trago no coração,
Por tudo que dá 'sperança
Como os sorrisos singelos
De uns lábios como os teus são:

Se tu me desses um beijo,
Eu colibri, que me alento
Do mel que alguns lábios têm,
Te abraçará num adejo,
E, dos teus beijos sedento,
Dera-te... um beijo também.

À Julieta

Neste meu coração árido
Secou-se o vergel de amores!
Nem pétalas de poesia
Já me restam dessas flores!
Não vês, deste rosto pálido,
Enrugado pelas dores,
Não vês que a melancolia
Da vida murchou as cores?
Não me peças de poesia
Já nem pétalas, nem flores!

Pois estes meus olhos túrbidos,
Já sem luz e sem viveza,
Este sorrir contrafeito
Com que disfarço a tristeza
Não dizem – que o sangue tépido
(Faceira Flor de beleza)
Da vida esfria em meu peito?
Mas... com tanta singeleza
Não podes ver o efeito
Do rigor da natureza!

Ó Flor de beleza cândida,
Tu, sim! tu podes dar flores
De poesia – ao descontente,
Que só traz consigo dores!
Em tua capela angélica
Há tantos lírios de amores!
Em teu rosto alvorecente
Não tens a cor de amargores.
Dá-me tu que me avivente
Da poesia algumas flores...

À lua

(NO MAR)

Lua do mar, o que sondas
De tão alto sobre as ondas
Espargindo os raios teus?
Sultana destas alturas
Não tens amor, nem venturas
Tão perto do amor de Deus?

Pareces triste e saudosa
Como a virgem suspirosa
Imersa em saudosas mágoas!
Teus raios parecem gelos,
São frios nos meus cabelos,
São frios sobre estas águas!

Talvez sintas – que isolada
Pela amplidão azulada
Não venhas a ter amor;
Amor que a vida inebria
Em arroubos de poesia
Quando o rende um trovador?!

Sim, triste! quem há de amar-te?
Na soidão quem vai julgar-te?
Nesta soidão!... ai! ninguém!
A não ser o navegante
Que passa e vai ansiante
Buscando as terras dalém?

Eu tenho amores; se os queres,
Já não creio nas mulheres,
Dou-te amores, serei teu;
Embora vá de passagem,
Levarei a tua imagem
No peito que Deus me deu.

Amas tu? pálida e fria?
Eu te vejo tão sombria
No teu argênteo fulgor?...
Terás o peito indif^{er}ente
Àquele palpito ardente,
Que move as fibras de amor?

Quero amor, amor fervente,
Que de fogo se avivente
Como se aviventa o meu...
Mas teu amor... és tão fria!
Lua do mar, que poesia
Sente amor no peito teu?

Escuta; amor frio... gelo...
Porém, que é desse astro belo?
Lá descamba para o sul.
E eu busco o ponto oposto!
Oh! levai-lhe o meu desgosto,
Ondinhas do mar azul!

Quiproquó

(A F. J. Bethencourt da Silva)

Fez anos dona Ambrosina,
Houve essa noite *soirée*;
Morador do mesmo bairro
Fui-me a ele⁹⁵ – já se vê.

Como os demais convidados,
Lá caí como um pimpão:
Fui, ponto em branco;⁹⁶ era um noivo,
Noivo até no coração.

De lá vos trouxe este caso.
Quereis ouvi-lo? aí vai;
Que vos faça bom proveito,
Nous y voilà! – Escutai.

A confusão, de mãos dadas
Com o gênio da alegria
Não dá lugar a⁹⁷ etiquetas;
Reina completa folia.

Contam aqui namorados
Quantas namoradas têm;
Adiante um rapazinho
Pede sorvetes à mãe.⁹⁸

Ali fumam dous janotas
Às ventas dos próprios pais, →

⁹⁵ O poeta concorda “ele” com a ideia de “evento, baile” ou com “aniversário”. *Soirée* é palavra do gênero feminino.

⁹⁶ “*Armado de ponto em branco*. Vestido de todas as armas. Vestido com todo o apuro. A expressão vem do tempo da cavalaria; quer propriamente dizer: de sorte que a lança ou espada toque sempre em arma, que cubra o corpo (Morais). V. Said Ali, *Rev. de Cultura*, CCXI, 8.” (NASCENTES, 1966, p. 241)

⁹⁷ a] à – em FF.

⁹⁸ Observe-se a rima de caráter lusitanizante: “têm/mãe”.

Que se recordam saudosos
Dos tempos coloniais.

Aqui um grupo de imberbes
Aristarcos – de lunetas,
Da grande literatura
Improvisados planetas,

Notam erros e descuidos
Nos mais clássicos autores...
Mirândolas⁹⁹ de uma figa!
Ride comigo, leitores!...

Falam moços, falam velhos,
Velhas e moças também;
Reina completa folia
Neste completo *vaivém*.

Como um noivo, ponto em branco,
Noivo até no coração,
Eis-me também de conversa
No meio desta função.

Converso grave e sisudo;
Comigo pratica um velho,
Que, a propósito de valsas,
Me vem pedir um conselho.

– Entendo, (sou eu quem fala),
Entendo que não faz mal...
E que faça; é mal de muitos,
Não lhe parece?

– Tal qual.

– Está dito! vou-me à valsa...¹⁰⁰
Mas... falta-me ainda o par!
Se quisesse dar-me o gosto...
– Sim, senhor, eu vou tirar.

– Mas cautela com a escolha,
Não tire alguma lampreia,
Alguma carcaça antiga,
Com olhos de centopeia.

⁹⁹ Provável alusão a Giovanni Pico della Mirandola – humanista e filósofo do Renascimento italiano.

¹⁰⁰ – Está dito! vou-me à valsa...] – 'Está dito! vou-me à valsa... – em FF.

Veja se pesca peixinho
Rechonchudinho e corado,
Que tenha mãos de veludo,
Brando olhar, corpo delgado.

A quem se não tenha medo
De apertar ao coração.
Os seios que desabrochem
Como da rosa um botão.

Que... –
– Seja inocente ainda?
– Sim, senhor, muito inocente!¹⁰¹
– Ora, espere que eu já volto;
Vou buscar-lhe um bom presente. –

Como um noivo, ponto em branco,
Noivo até no coração,
Fiz uma ótima escolha
Para aquele Jão-Ratão.

Apresento a dama ao gebo,
Mas, oh! fatal maravilha!
Ela ri-se; ele gagueja:
– Essa não... que é minha filha!...¹⁰²

¹⁰¹ – Sim, senhor, muito inocente!] Sim, senhor, muito inocente! (sem o travessão inicial, cujo espaço está vazio).

¹⁰² – Essa não... que é minha filha!...] – 'Essa não... que é minha filha!.. – em FF.

Com febre

I

Eu sou como o cigano sem família,
Que adormeceu na tenda do deserto:
A caravana levantou pousada
Antes que fosse pelo sol desperto.¹⁰³

E como o vagabundo sonolento
Cantando, e rindo vai caminho incerto,
Eu vou pelo caminho da existência...
Como o cigano canto no deserto!

Não tenho rei, nem pátria, nem família;
Não rendo vassalage' à dependência:
E é por isso que tenho tanta febre,
Que me pode matar na adolescência!

Morrer!... como o cigano errante e vago!
Eu canto a vida namorando a morte!
Com a breca! se morro no caminho
Não levo desta vida o passaporte:

“Quem é? donde partiu? que é que pretende?”
Há de o diabo perguntar-me rindo;
– Sou eu; vim do Brasil; quero uma cama,
Que 'stou cansado de velar – dormindo!

“Explica-te; quem és?”¹⁰⁴

Tomo a palavra;

– Eu nasci nos sertões brasileiros;
Tive amores com todas as timbiras,
E fiz gaitas dos bicos de tucanos.

¹⁰³ Observe-se: “desperto” é adjetivo que qualifica “sol”, e rima com “deserto”. O entendimento, entretanto, deveria ser: “A caravana levantou pousada / Antes que fosse [despertada] pelo sol.”

¹⁰⁴ Em FF as aspas abertas no início do verso não se fecham.

Vivi, como os *pagões*¹⁰⁵ daquelas terras,
Cantando o fumo, as moças e a cachaça;¹⁰⁶
Andei três dias a roer as unhas,
E mais note que a fome não é graça!

Dormi, vim despertar na sepultura,
Que na existência caminhando incerto
A sina era morrer, sem passaporte,
Como acaba o cigano no deserto.

E o diabo, apesar de ser *fidalgo*,
Como pode provar coas suas pontas,
A¹⁰⁷ modo de um ministro enternecido,
Há de dar-me razão, por fim de contas.

II

Morrer?... há de morrer na flor dos anos,
Quando nos prados desabrocham flores,
Quem ama tanto o cheiro das boninas,
E chama as borboletas seus amores?

E tu, ó sócio das insônias minhas,
Ó meu cachimbo turco!... abandonado,
Neste vale de lágrimas e de órfãos,
Como um ex-anspeçada rebaixado?

Como eu levo saudades desta vida!
Se pudesse escapar-me do coveiro?
Pois eu hei de passar desenxabido
O sol da primavera num carneiro?

Não! não quero morrer!... de balde clamo!
Sinto em mim um vulcão! ferve-me o sangue!
Rouqueja o peito!... sofro sede e tosse,
Mofino o coração palpita exangue!

III

Vejamos o que vai por esta alcova,
De um pirrônico, um céptico, a guarida; →

¹⁰⁵ Assim, *pagões*, em FF.

¹⁰⁶ Ver nota do autor no final do livro, à p. 141.

¹⁰⁷ A] À – em FF.

Antes que a morte venha desposar-me,
Aos meus trastes farei a despedida.

O que veem, olhos meus? “Este retrato
Cheio de teia e pó neste abandono!”
Retirai-vos daí, olhos de um dardo!
Ele dorme, ’stá claro que tem sono.

Tenho remorsos! por que tremo todo?
Desviai-vos daí, olhos daninhos!
Ele dorme no leito das aranhas!
Eu... estrebucho num colchão de espinhos!

IV

Ciúmes do Bardo, Inspirações de leigo,¹⁰⁸
Folhas caídas, Cantos matutinos;
Queixumes de Dirceu, Sombras e sonhos,
E vós outros, romances de meninos;

Adeus!... livros, adeus!

O meu criado

José, que também faz queixas em rimas,
Não vos há de deixar entregue às traças,
Que ele morre de amores pelas primas!

Adeus, Pigault-Lebrun, Voltaire saudoso,
Talleyrand, Rabelais, – arrenegados,
Meslier, Depois¹⁰⁹ – súcia antifrades,
E vós outros que tais excomungados,

Insolentes! estúpidos! canalha!
Malditos pregoeiros da verdade,
Que nas portas gritais do *Santo Ofício*,
Um frade mente sempre como um frade!

V

Anda cá George Sand,¹¹⁰ cor de azeviche,
Garrafa de cognac, ao moribundo, →

¹⁰⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 141.

¹⁰⁹ Depois – assim em FF. É provável que se trate de Carlos Dupuis (1742-1809), autor da *Origem de todos os cultos*.

¹¹⁰ George Sand,] Géorg-Sand, – em FF.

Que tu fizeste em horas de tristezas
O mais ditoso Lamennais¹¹¹ do mundo,

Mais um beijo dos teus! dá-me essa boca,
Que mata as dores e o prazer inspira!
Tu, sim, tu és mulher para os amores!
*Feliz quem junto a ti por ti suspira!*¹¹²

José te pague os beijos que me deste,
De dia em dia enchendo-te o vazio!
Acende-lhe no crânio uma fogueira,
Que o rapaz também é dos que têm frio!

Vem, meu nobre cachimbo, não te aflijas;
Amanhã, se encontrar o meu coveiro,
Improviso um soneto em que lhe peça
Que te deite comigo no carneiro.

E tu, moça gentil dos meus encantos,
Lua, deidade desse amor insosso,
Se eu morrer desta febre, reza à noite
Na minha sepultura – um Padre-nosso.

¹¹¹ Lamennais] Lamemmnais – em FF.

¹¹² Ver nota do autor no final do livro, à p. 141.

No dia dos meus anos

Folguemos coração! ainda agora
Comecei a ser gente na existência!
Vinte e dois anos só! sou mesmo um noivo,
Um jacinto de amor na adolescência!

O buço desabrocha levemente...
Que macio que vem, quão será lindo!
Ave! íris da minha mocidade!
Sê bem-vindo, meu buço, sê bem-vindo!

Mas... que é isto? parece que entristeço?!
Olá, tristeza, olá!¹¹³ eu te esconjuro!
No dia dos meus anos... que lembrança!
De que me lembrei eu? do meu futuro!

Meu futuro...¹¹⁴

José!... traze charutos
E de passagem o cognac e vinho.

.....
Vai ali perguntar se é grega ou china
A palavra – futuro – ao meu vizinho.

.....

É cousa, que há de vir?

Eu seja frade,
Se em cousas que hão de vir tenho 'speranças!¹¹⁵
Nasci... hei de viver!... sou fatalista,
Não creio em contos de ninar crianças!

¹¹³ Olá, tristeza, olá!] Ó lá, tristeza, ó lá! – em FF.

¹¹⁴ Meu futuro...] Meu futuro.... – em FF. Esta é a única ocorrência de reticências com quatro pontos em todo o livro. Será porque “o futuro dura muito tempo”?

¹¹⁵ 'speranças!] speranças! – em FF.

Meu futuro é dormir as quentes sestras
Sobre a grama dos prados e boninas;
Andar aí com fome pelas ruas
Mendigando os amores das meninas!

Amor... falo em amor?...

Lembro-me agora...

Eu já tive uns amores... há dois anos,
Amei uma donzela... inocentinha...
Ela amava, comigo, a três maganos!

Dois rivais para um! não fui covarde,
Tive juízo, abandonei a praça;
Vim para casa, fiz uns versos tristes,
E daí... fui poeta... que desgraça!

Não... não quero na terra os meus amores!
Os duelos às vezes fazem danos...
É tão bom se viver... os dias passam...
No fim dos doze meses se faz anos!...

Os amores do céu têm mais poesia,
Ali deve-se amar a¹¹⁶ rédeas soltas;
Que no céu não há línguas de intrigantes,
Como as línguas daqui... tão desenvoltas...

A lua é uma cigana, arranja a vida
Com teteias de amor, se não me engano;
Vale a pena pedi-la em casamento,
Tenho uns modos assim... para cigano!

Fumo cigarros; sei tocar viola;
Canto modinhas com requebro e graça:
Para ser um cigano de mancheia
Só me falta vender – rimas na praça.

Palavra de honra (que no céu Deus haja),
Sinto dentro do crânio uma fragura!
Ora, se a lua é fria como dizem,
No colo da cigana... que frescura?!

Ó lá de cima! se te apraz um noivo,
Um pobre doudivanes¹¹⁷ cá de baixo, →

¹¹⁶ a] à – em FF.

Eu me apresento candidato a esposo,
E na lista de amor o nome encaixo!

Sou moço e forte; ouço missa às vezes;
Não creio nos Catões Americanos:
Detesto o servilismo... (c'est dommage!)
E fiz hoje, afinal, vinte e dois anos.

¹¹⁷ Palavra não registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Encontra-se, entretanto, registrada no *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva (1813) – assim: “DOUDIVANES, adj. Chulo, augment. de Doudo.”

Conselho a Délia

Toma, Délia, um discreto conselho,
Não te queiras casar, Délia, não;
A prudência te sirva de espelho,
Deixa o mundo ralhar sem razão.

Tira os olhos da lente encantada
Porque ao longe te acena himeneu,
Vê-lo ao perto; verás pouco ou nada
Das venturas que te prometeu.

Esse *noivo* tão guapo, tão nédio
Que *hoje* vês junto à¹¹⁸ *noiva anelar*,
Amanhã, com *fastio*, com tédio
Há de ao *lado* da *esposa*¹¹⁹ *voltar*...

– Que juízo este meu!... bocejando
Lá consigo dirá: – ai, de mim!
Quem mandou-me casar? até quando
Tragarei este *fruto* ruim? –

Do seu lado a mulher *meia-sono*,¹²⁰
– Que marido! Aborrida, dirá:
Quem mandou-me casar co’este mono?
Que desgraça! que sina tão má! –

E marido e mulher descontentes
Têm assim de viver, sabe o céu
Até quando, clamando entre dentes
Contra o elo em que os prende himeneu!

¹¹⁸ à] a – em FF.

¹¹⁹ *esposa*] *espasa* – em FF.

¹²⁰ O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra “meio-sono” como substantivo. Parece que o poeta, por derivação imprópria, empregou a palavra como adjetivo – daí a concordância de “meia” com “mulher”.

E naquele constante alarido
Há de a esposa, há de o esposo sofrer,
A primeira um *eterno marido*?
O segundo uma *eterna mulher*?

Inda lá o marido umas vezes
Pode a sorte cruel *variar*...
Mas a pobre mulher? há de as fezes
Dessa eterna apatia tragar!

E não deite a cabeça ao postigo
Do marido na ausência... Jesus!
É um crime de enorme castigo,
Mais enorme que morte na cruz!

Se ele o sabe?... já brama, já berra,
E os vizinhos, em coro, também,
– Que a mulher que ele erguera da terra,
Que não trouxe de dote um vintém,

– É vadia! não sai da janela!
Tenta a honra manchar-lhe e o brasão!
E daqui, e dali – tagarela...
E a si próprio nomeia – cab...¹²¹

Toma Délia o discreto conselho,
Não te queiras casar, Délia, não;
A prudência te sirva de espelho
Deixa o mundo ralhar sem razão.

¹²¹ Entenda-se: “cab...” é abreviatura de “cabrão”. Neste caso, a cada ponto das reticências corresponde uma das letras faltantes.

Enigma

(À NENA)

I

Tu foste a rola encantada,
Era meu peito um vulcão;
Pousaste sobre a cratera,
E não quebraste o condão.

II

Como as flores mudamente
Segredando amor a sós,
Falamos também de amores
Segredando também nós...

III

Queimava a prumo o sol da mocidade!
E tu – eras mulher!
E nunca te manchei a virgindade
Co' um aceno sequer...

IV

Soluças? tu não sabias
Que neste seio bebias
Amores que Deus bendiz?
Esqueceste esses amores...
Soluças? por quê? Não chores,
Não és assim mais feliz?

V

A vida é cheia de flores,
O mundo é todo um jardim...
Colhe as flores da existência...
Não te lembres mais de mim.

Perdão

(IGNOTO DEO)

Foi uma noite de febre,
Eu delirava, senhora!
Perdão, senhora, perdão!
Não vos amava! nessa hora,¹²²
Já tinha as crenças perdidas,
Já não tinha coração,
Aquele triste infeliz!
E eu disse cousas sem tino,
Como o volúvel menino,
Que falando às borboletas
Não reflete no que diz!
Chamei um nome, – foi vosso...
Juntei-lhe a palavra amor!
Ai! nesse meu desatino,
Pudera ter dito – ondas,
Oceano, concha ou flor,
Como um travesso menino!
Despertei... não despertasse...
Oh, que não! que são torturas
Por que passo nestas horas,
Vindas do inferno, senhora!

Vejo-vos! sois meiga e bela!
Em vossa frente se apura
Mocidade e formosura.
Vossos olhos de Andaluza,
E vossos negros cabelos
São elos, são brandos elos
Com que amor prende a razão!
Mas eu não amo esses olhos,
Vossos cabelos não amo! →

¹²² Leia-se: “Não vos amava! ness’ hora, – para que o verso tenha as mesmas sete sílabas dos demais versos da composição.

Já, senhora, não me inflamo
No fogo que amorna o sangue
De que vive o coração!

Perdão! senhora, perdão!
Pela febril ilusão
Que nossas almas prendeu
Naquela noite de febre
Que tantas crenças vos deu!
Perdão! por vossos desvelos
Tão mal cabidos¹²³ em mim!
Por vossos seios de neve
Mais brancos que o bogarim!
Por vossos olhos brilhantes,
Por vosso inocente irmão!
Por mim! pálido e desfeito,
Que trago um vácuo no peito
Onde tive o coração...
Senhora, perdão! perdão!

¹²³ Embora registrado no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, “malcabido” é adjetivo. Conservamos a grafia “mal cabido” porque, em nosso entendimento, “mal” modifica o sentido do particípio “cabido” – funcionando, portanto, como advérbio.

CINZAS DE UM LIVRO¹²⁴

¹²⁴ Esta quarta parte de *Flores e frutos* foi publicada de forma avulsa em 1859, sob o título *As cinzas de um livro*, e reaproveitada, com variantes, nesta obra. (SEABRA, 1859) Essa primeira publicação não traz epígrafe. Agradecemos ao prof. Antônio Carlos Secchin, que nos repassou as informações.

Je ne fais pas une satire,
Et je ne veux que vous traduire
Une histoire de ce temps – ...
ALF. DE MUSSET

I

Era um livro, queimei-o; tinha frio,
Precisava aquecer-me: sou tão pobre,
E é tão cara a *lenha*...

Por minh'alma!

Morte de inquisição não lhe coubera
Se ao taverneiro conviesse a troca!

II

POETA

Patrão! vá desta feita um sacrifício!
Dê-me aí duas achas de pau seco
Em paga deste livro.

TAVERNEIRO

Quanto pesa?

POETA

Eu sei? não terá mais de meia libra!

TAVERNEIRO

Ai, meia libra! e quer só duas achas?
Olé, freguês! Tão moço e tão *francasso*
Vai a dar de uma vez co'os vurros n'água!¹²⁵
A vintém pagarei neste formato
A resma de papel depois de impressa.
E vejo, agora vejo... é manuscrito!
Que letrinhas, que traz! sejam francos;
Não vale as duas achas, nem lhe dava →

¹²⁵ n'água!] n'água! – em FF.

Um vintém de palitos – *pelo cujo*.
Ora note você, isto é que é peso,
E que papel janota o deste livro!
E que letras gentis! assim gorduchas,
São como as raparigas nos domingos
Com saias de balão tomando as ruas!
E sabe a como nós temos *pagado*
A libra deste ilustre *petit-maître*?
A vintém cada libra, fora a capa.
E tal é como vê, cheio de versos?
Não se agrada você deste *livrasso*?¹²⁶
Olhe, disse ali o Zé das Roscas,
Que *istos* são as histórias dos *brasilis*,
Que fez um brasileiro *d'illustrado*;
E que são pouco mais ou pouco menos
As confederaxons das tartarugas.¹²⁷
É pechincha, não é? cento e sessenta,
E leva um mês de histórias para casa.
Quanto ao seu, nada val;¹²⁸ – é papel mole,
Não resiste à¹²⁹ gordura da manteiga.

III

Como sabe falar! quanta eloquência!
Aqui neste País de maravilhas
Só faltava um Longino de taverna!
Não convém criticar, nem cause pasmo,
Que Longino caísse no descoco
De trocar a missão de conselheiro
Da rainha Zenóbia pelos fastos,
Que na taverna um toucinheiro ostenta!
A vida é um *vai e vem* – e o homem segue
O movimento elástico da vida!
Janos o mundo tem desde que é mundo,
E Janos a fartar... fazem-se raros
Os que têm duas caras tão somente!
Aqui mesmo na pátria, que é tão nova,
Aponta-se com o dedo muitos Janos,
Gente, que arrenegou... eu sou criança,
Nos contos do país sou mesmo um leigo!

¹²⁶ *livrasso*? – grafado assim em FF.

¹²⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 142.

¹²⁸ val;] val'; – em FF.

¹²⁹ à] a – em FF.

IV

Era um livro, queimei-o; tinha frio,
Precisava aquecer-me; sou tão pobre
E é tão cara a *lenha*...

Por minh'alma!

Morte de inquisição não lhe coubera
Se ao taverneiro conviesse a troca!
Meu pobre livro!...

Mas... eu tinha frio,

Nas medulas dos ossos tinha gelo!...

V

Tremendo auto de fé! quantas lembranças
De segredos de amor não consumiste?
Aqui – era uma página secreta,
Folha do coração íntima e santa!
Maldizia de *alguém* – ardido em zelos,
E chorava depois arrependido!
Ali – um meigo olhar de olhos serenos,
Lânguido às vezes, outras vezes vívido!
Além – um beijo a furto... um doce enleio
De seios, que amores se alimentam!¹³⁰
Ali – um segredar de ternas frases!
Além – um padecer... depois... sorrisos!
Um sonho, uma esperança, um eco ao longe
De harmonias de amor falando à vida!
Aqui – a palidez!... lírios e rosas!
Uma noite de estrelas! um delírio!
Uma noite de febre... outra de gelo!
Um suspiro de cismas no abandono!
Um jacinto de crenças de mancebo...
E...

Tantas recordações! perdidas todas!¹³¹

Crenças, sonhos, amor, visões, saudades;¹³²

Dores, mágoas, delírios, beijos, 'sp'ranças;

Tardes, noites, manhãs, auroras, flores;

Prados, fontes, queixumes, risos, prantos... →

¹³⁰ Deve ser: “De seios, de que amores se alimentam!” – para que o verso tenha dez sílabas, como os demais (embora, com hiato entre “que” e “amores” o verso tenha as dez sílabas convencionais – versos frouxos, isto é, com hiatos, são frequentes no poeta).

¹³¹ Este verso, considerado isoladamente, tem onze sílabas. Entretanto, o “E” inicial pode ficar absorvido na vogal final do verso anterior (“mancebo... e”), de modo que não é contado como sílaba métrica. O restante – “Tantas recordações! perdidas todas!” – constitui um decassílabo heroico.

¹³² saudades;] suidades; – em FF.

Tantas recordações!... perdidas todas!
Meu pobre livro! mas... eu tinha frio,
Nas medulas dos ossos tinha gelo!

VI

Ai! deixem-me chorar! ouço no peito
Gemer o coração!
E bradar contra mim exasperado
“Maldição! maldição!

És réu! pois esse livro, agora cinzas,
Não era todo teu!
És réu! que me roubaste nesse livro
Um livro que era meu!

Cinzas! cinzas! um livro tão querido!
Maldição! maldição!
Leviano, que assim me deserdaste,
Não sou teu coração!”

Livro?... Meu coração?... nenhum responde!
De mim – quem terá dó?
O coração suicida-se no peito!
O livro – é cinzas só!

VII

Meu pobre livro!... mas... eu tinha frio,
Nas medulas dos ossos tinha gelo!
Meu pobre coração! morto! 'stá morto!
E era quase uma gema de poesia!

VIII

Reconheço esta voz... é Margarida!

MARGARIDA

O que tens – que te vejo sombrio?
Não respondes? meu Deus, o que tens?
Vem sorrir nos meus seios de noiva...
Não te moves? não falas? não vens?...

Foste sempre a falar-me o primeiro,
O primeiro a sorrir para mim;
O que tens que te vejo indiferente,
Mudo... sério... tão pálido assim?

Que é do livro dos nossos romances,
Nosso livro de lendas de amor?
Não respondes? meu Deus, que mudança!
Trovador, o que tens trovador?

Olha o sol... já descamba no outeiro...
Olha a tarde revendo-se em nós...
Olha a noiva que anseia de amores...
Nem um gesto... um suspiro... uma voz?!

Tens ciúmes? dúvidas? não sabes
Que de amores por ti me abrasei?
Que não tenho mais rosas de virgem
Dize ao menos que sabes...

POETA

Não sei!

MARGARIDA

Ironia!... tu mentes!... mentira!
Como ouvir-te dizer-me “não sei!”¹³³
Que é do livro dos nossos romances,
Das lembranças de amores?

POETA

Queimei!

MARGARIDA

Tu queimaste o meu livro de amores,
Onde o¹³⁴ mundo de amores cismeis?
E a promessa? o noivado? e meus sonhos?
E a capela de virgem?

¹³³ dizer-me “não sei!”] dizer-me ” não sei! – em FF.

¹³⁴ o] os – em FF.

À meia-noite,
Satã, me acordarás.

.....

XI

SATÃ

Alerta! alerta!
Sonhaste?

POETA

Muito.

SATÃ

É linda?

POETA

Como um anjo.

SATÃ

Olha; o rei Salomão devasso e torpe...¹³⁷

POETA

Pois o rei Salomão foi libertino?
Que o filho de David foi santo e sábio
Tenho ouvido dizer...

SATÃ

Pelos abades!
Salomão, sábio e rei o mais devasso,¹³⁸
E torpe, e libertino de seu tempo...

POETA

(E nesse tempo não se lia Byron!)¹³⁹

¹³⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 142.

¹³⁸ Leia-se: “Salomão, sábi’ e rei o mais devasso” ou “Salomão, sábio [e] rei o mais devasso”.

¹³⁹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 142.

SATÃ

Não teve em seu harém de mil mulheres
Uma Laís¹⁴⁰ mais formosa que Fabrícia.
Entremos, é aqui...

POETA

Por teus infernos!
Não teve Henrique oitavo em seus palácios
Nenhum conde ou marquês com onze-letras
Mais sábio do que tu...

SATÃ

És inexperto!...

POETA

Como é bela a dormir!... os seus contornos...
Mas... que tem ela a soluçar em sonhos?

SATÃ

Sonha que se confessa, e o reverendo,
Que há três dias dormiu entre os seus braços,
Nega-lhe absolvição.
Reza comigo!

SATÃ E O POETA

“Deixa o mundo bradar que são teus lábios
Feira de beijos! que és imunda e torpe;
O mundo é louco, maldizendo os vícios
Cospe nas faces da virtude, e passa!

Virgem nasceste nos jardins da vida!
Flor maculada, quem manchou teus seios?
Ele, que te maldiz, e vem à noite
No leito adormecer dos teus ardores!

Não te arrependas! não! virtude e vício
Duas palavras são para um só facto;
Vício – é o vício nu, que não disfarça;
O vício disfarçado é que é virtude!

¹⁴⁰ Pronuncie-se “Lais”, com uma só sílaba.

Hipócrita não és; na várzea imunda,
Onde vicejam da volúpia as flores,
És o que dizes ser, – flor sem perfume;
És o que dizes ser, – rosa de orgias.”

SATÃ

Corre as cortinas, deita-te, poeta.

POETA

Obrigado, Satã; canta-me um hino!

XII

SATÃ

“Podes viver! tens a febre
Que te definha aos vinte anos!
Rasga o véu d’alma virgínea,
Faze coro co’os profanos!
Vai, desfolha a primavera
No leito da cortesã!
Amanhã? há de ser noite,
Choverá gelo no ermo!
Então serás triste, enfermo!
Triste, enferma a tua irmã!

Terás os lábios queimados,
Pálidas faces rugosas!
Da fronte magra e sombria
Murchas, pálidas as rosas!
Terás, sim... que tens o inferno
Onde outrora o coração!
No crânio tens um dilúvio
De fantasmas incendidos,
Que te bradam nos ouvidos:
Sus! avante! avante, irmão!

Terás o sangue gelado,
Negro, negro nas artérias!
Em cada ruga das faces
Uma lenda de misérias!
Serás o truão das praças
E satisfeito de ti! →

Ao passares dirão elas,
As cortesãs acintosas,
“Nestas faces – quantas rosas!
Nos lábios – quanto carmi!”¹⁴¹

Dirá o *mundo piedoso!*
Tão moço, perdido e louco!
Vai teu caminho e responde
– É pouco! inda é muito pouco!
Abram-me o crânio se querem
Ver do cinismo o vulcão!
E ri-te do moralista
Epicuro comovido;
E, em paga, moço perdido,
Chama-o tu – perdido e cão!”

XIII

Sonhei!... que sonho o meu! que febre tenho!
Como é tão bom adormecer ao fogo
De um livro que se queima!...

Quanta cinza!

José, traze o cognac, e varre a sala.

XIV

Eia, amigos; Proudhon,¹⁴² tu me conduze!
Para o inferno que vás – irei contigo.
Se tivermos entrada no palácio
Onde Satã é rei, e os padres-mestres
Archeiros e bediés,¹⁴³ que regalada
Vida de eternidade ali teremos?!
E tu, mestre Savedra,¹⁴⁴ tu me ensina
A rir e a fazer rir à custa alheia,
Que este mundo de condes e marqueses
*Não se pode levar doutra maneira.*¹⁴⁵

¹⁴¹ carmi!’!] carmi!’” – em FF.

¹⁴² Ver nota do autor no final do livro, à p. 142.

¹⁴³ Palavra não registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, nem em dicionários da língua portuguesa.

¹⁴⁴ Ver nota do autor no final do livro, à p. 142. Savedra: Miguel de Cervantes Saavedra.

¹⁴⁵ Ver nota do autor no final do livro, à p. 143.

NOTAS

Flores sem frutos e não *Flores e Frutos*, como querem muitos, intitulou o visconde d'Almeida Garrett a um dos seus últimos volumes de poesias que publicou.

E se devo – *comptar* – co' o prêmio desta oferta, pág. V, vers. 7. [p. 3]¹⁴⁶

Advirto, aos que embicarem com este *comptar*, que irei adotando, té onde me chegarem as forças, e consciência, a ortografia do doctíssimo sr. dr. José Feliciano de Castilho, tão magistralmente esboçada nos apontamentos sobre a ortografia, ultimamente dados à luz.

E fazer seu *velo de ouro*
Do presente enamorado – pág. X, vers. 5 e 6. [p. 5]

Quem não tiver conhecimento das história do *Velocino* ou *velo de ouro* da Fábula, leia nos dicionários mitológicos as palavras, *Jason, Velocino, Medeia, etc.*; e bem assim os *Argonautas* de Apolônio Ródio. E se ignorar a língua de Apolônio recorra à¹⁴⁷ tradução que fez desse poema o distinto literato português José Maria da Costa e Silva.

NOTAS ÀS ANINHAS

“Quem são estas Aninhas? (perguntará o curioso).

E eu, a modo de mouco, deixava-o em branco, se não estivesse minado do hábito do Filinto Elísio, que a todos respondia com pachorra de frade (único *senão*, pondo de lado os elogios às *trouxas de ovos* porque os reverendos freires são desmarcadamente perdidos, por onde se conhecia que ele vestira sotaina,¹⁴⁸ fosse lá onde fosse).

“Com quê, quereis saber quem são estas Aninhas?”

¹⁴⁶ As indicações de página são da edição de 1862 de *Flores e frutos*. Entre colchetes, acrescentamos a página desta edição. Nas Notas de *Flores e frutos* a indicação do número do verso ou da estrofe diz respeito à página em que ele ou ela se encontra; não diz respeito ao poema.

¹⁴⁷ à] a – em FF.

¹⁴⁸ sotaina,] soitana, – em FF.

Eu vos satisfaço.

Estas Aninhas, meu caro senhor, perdão...

Em primeiro lugar, devo dizer-vos que estas Aninhas já não são, foram.

“Foram, pois, estas Aninhas uma interessante menina...

Torceis o nariz?

“Estas Aninhas *foram uma* interessante menina... é um enorme erro de gramática.

“Enormíssimo, concordo; apelo, entretanto, para a aritmética.

Bradareis que não sei multiplicar, visto que a tabuada¹⁴⁹ diz que, *uma vez uma menina, é uma menina*, ainda que se dê por paus e por pedras.

Neste caso, não há outro remédio, recorro ao patético.

Aviai-vos; tomai o vosso lenço, tendei-o sobre os joelhos, porque eu vou chorar.

Aninha, dizia, chamava-se uma interessante menina que eu conheci, quando mais ou menos ela entrava na duodécima primavera da vida, e, até por sinal, num baile dançando, creio eu, a duodécima quadrilha e isto com todas as forças dos seus pulmões.¹⁵⁰

Também a mesma cousa foi vê-la e amá-la a mesmíssima.

Nesse ponto, ela discordou.

Viu-me... e, incontinenti, de si para si, convencionou que era cega!

Isto é doloroso de contar-se... mas, leve a cruz ao calvário quem chegou até aqui.

Não se faz, com duas razões, uma pequena ideia do que pratiquei por merecer-lhe um meio sorriso daqueles lábios que, sem tirar nem pôr, hermeticamente fechadinhos eram mesmo dois rubis! Por um volver, já não direi brando, enraivecido que fosse, daqueles olhos negros, para os mais vivos! e para mim tão cegos!

Por um negalho dos seus cabelos da cor do mel, onde as flores assentavam tão bem e, ainda em cima, como que fazendo moessa das terníssimas olhadelas que eu lhes deitava a furto!

Fiz e refiz tudo o que pude, e, como contrapeso, o que ’stava além das minhas forças!

Debalde!

’Stava escrito que eu fosse vítima de uma *menina forte!*

Vencido, subjugado...

“Não há de ficar assim! (bradei ao coração); a grandes males grandes remédios, venha o amor platônico.

E amamos aquela ré-de-leso-amor-primeiro com o mais etéreo platonismo do mundo.

Senti melhoras... mas, eis senão quando, no meio da convalescença, aparece a recaída.

A moléstia manifestou-se capaz de fazer figas a todos os Hipócrates do globo.

Vira-se-me o platonismo às avessas, tão às avessas, que eu e um lobo faminto dir-se-iam gêmeos!

Numa palavra, soube que Aninha ia casar-se!

O coração parecia querer sair-me pela boca fora.

Tinha fome de amor! era de amor toda a minha sede!

¹⁴⁹ tabuada] tabua da – em FF.

¹⁵⁰ Se há quem tenha barriga nas pernas, não é muito que lá tenham também peito e bofes. (Resposta a um censor). [Nota do autor, indicada pelo número 1 entre parênteses (1), no texto e no rodapé.]

Se me atirassem pedras eu as comeria por amor!
Se me dessem fel e vinagre por amor os sorveria!
Nestas colisões, bufei uma noite inteira, e o dia correria do mesmo modo, se às sete horas da manhã não ouvisse bater na escada.
Levantei-me, abri a porta e tornando a meter-me entre os lençóis, gritei de mau humor:
“Entre, quem é.
Um momento... e aparece-me...
Ora, adivinhe, meu caro senhor curioso, quem era?
“Era Aninha...
Aninha! oh, sim! era ela justamente... quem não era!
Era um crioulo ’svelto e retinto, dos seus quinze anos de idade, e cujas calças e camisa, da cor deste papel, deixando-lhe os pés, as mão e o resto do pescoço para cima ao ar livre, davam-lhe assim a figura de um ás de paus no meio do seu quadrado branco.
“Vim saber...
Mal foi abrindo a boca, e eu atalhando-o desapiedadamente:
“Em primeiro lugar, rapaz, quem és tu!
“Eu sou escravo, sim, senhor.
“Que és escravo não preciso que o digas; és negro e basta: não te pergunto por isso.
Faça-se-lhe justiça; eu não lhe havia perguntado outro cousa.
“Que é que queres? (prossegui).
“Minha senhora...
“Não sei quem é lá a tua senhora.
“É sinhazinha D. Aninha...
Oh...

*Melhor é exp’rimentá-lo que julgá-lo!
Mas, julgue-o quem não pode exprimentá-lo,*

do prazer e pasmo de que me possuí.

O rapaz recuou três passos adiante de mim, enquanto eu, dando inopinadamente um pulo fora da cama, me pus no meio da alcova em posição trágica, exclamando:

“Fala, fala, filho, o que mandou dizer a sinhazinha D. Aninha?

“Mandou (balbuciou o mísero, esforçando-se por conter, sem dúvida, duas tremendas gargalhadas que lhe excitavam os meus trejeitos); mandou saber se o nhonhô está doente.

“Às portas da morte! conta-lhe que ’stou às portas da morte desde ontem, quando soube que ela ia casar-se.

Aqui o rapaz não pôde suster-se.

Levou a mão à barriga, fez um meio círculo com o corpo para a frente e desprende uma estrepitosa risada, com todas as regras da arte.

Se eu me visse ao espelho na ocasião, faço ideia do triste conceito que faria de mim próprio, tirando as consequências do juízo pela analogia da cara que me ficou.

“Avia-te, brejeiro, (bradei-lhe enfurecendo-me), dize por que te ris; avia-te... senão...

“Meu senhor, eu não me ri de vosmecê (diz ele ainda rindo-se), é da minha senhora...

“Hein...

“Sim, senhor, é da minha senhora; pois vosmecê não tem vontade de rir, também, sabendo que ela vai casar-se? Ora faça o favor de olhar... lá está ela à janela... veja se aquilo é cousa que se case?

Oh! antítese das antíteses! equívoco dos equívocos! surpresa das surpresas!¹⁵¹

Se eu fosse o mundo, saíra fora dos meus eixos!

Olhei...

O que acrescentarei, meu caro curioso, dizendo-vos que a tal sinhazinha do crioulo entrava, sem mais nem menos, pelo mínimo, no duodécimo lustro dos verdores da vida?

Foi o caso:

D. Aninha-segunda observara da sua janela, que ficava em frente à da minha alcova, todos os meus movimentos nervosos na tarde do dia antecedente.

Éramos vizinhos; pareci-lhe doente, mandou saber do meu estado.

“Este *século-feminino* (refleti, depois que mandei o rapaz embora) assim ou assado, interessa-se por mim;

Eu ’stou apaixonado;

A minha paixão é uma espécie de *cholera-morbus* moral, conhecido comumente sob o rançoso nome de amor;

Preciso de um remédio;

O único remédio capaz de curar semelhante moléstia é uma mulher:

“Inveni! inveni! *Eureka! eureka!*”

Empomadei-me, vesti-me e fui levar de viva voz os meus agradecimentos a tão desvelada vizinha.

Mais um dia, menos um dia, ’stávamos apaixonadíssimos um pelo outro inacreditavelmente.

Eu não era mais perdido pelos pães de ló com que Aninha me regalava do que ela o era pelas cançonetas,¹⁵² que eu compunha impressionado pelas saudosas recordações de Aninha-primeira, e que lia à minha tetravó¹⁵³ como feitas à sua pessoa, capaz de inspirar... o suicídio a outrem que não fosse eu!

“Ufa!... aí ’stá como todos os poetas deviam ser! francos, ingênuos e leais como este (dizeis porventura).

E eu, acachapado pelo choque do elogio, perdi o fio da história e – moita!

No deserto do peito miragens – pág. 3. [p. 8]

Verso de A. J. Franco de Sá, jovem poeta maranhense roubado à vida na flor dos anos quando estudava Direito em Olinda.

Basta lerem-se deste infeliz mancebo as poesias que vêm transcritas no *Parnaso Maranhense*, há pouco publicado, para ajuizar-se do brilhante papel que faria nas letras.

A poesia que me emprestou este verso intitula-se *Meus namoros de Olinda*.

¹⁵¹ Em FF, este parágrafo vem alinhado à margem esquerda do texto, sem a entrada de parágrafo.

¹⁵² Ver nota 3.

¹⁵³ tetravó] tretravó – em FF.

Olha!... os dourados insectos,
Nos seus enleios de affectos – pág. 6, estrofe 3. [p. 9]

Crença popular entre algumas tribos dos indígenas da minha terra.

Tinhas então doze anos,
Acecém – desabrochavas – pág. 9, estrofe 1. [p. 11]

Açucena chama-se a flor; chamei-a eu *acecém* pela mesma razão por que outros a chamam *cecém*.

Dá-lhe que imite o junquillo,
Que antes que o sol alvoreça,
Não deixa alastrar-se o chão
Das flores do seu festão – pág. 11, vers. 18 e seguintes. [p. 12]

Dá-se esse facto com uma planta, conhecida nos prados do Pará, pelo nome de junquillo dos campos.

E o nume, ai dele, o nume,
O triste amante da flor!
Pode matá-lo o ciúme,
O ciúme abrasador! – pág. 23, vers. 11 e seguintes. [p. 18]

Como aos arvoredos as Dríades, às¹⁵⁴ florestas as Napeias, às fontes as Náíades, aos montes as Oréades etc., os Silfos, ou numes, divindades invisíveis, tutelavam as flores e isto sem laivos de amores terrestres. Eu, porém, que suponho-me incapaz, se fosse Silfo, de me aninhar no cálice de uma flor com indiferença 'stoica ou britânica, perdoem-me os Silfos, não 'stou por aquilo.

Deixem dizer!... Pode-se lá, a sangue frio, seja quem for, Deus ou homem, e até mesmo água ou pedra, proteger uma flor sem aspirar-se-lhe o perfume, sem uma vez ou outra beber-se-lhe uma gota do mel que porventura distilem seus seios?

Certo do contrário, acredito que os Silfos tivessem ciúmes e – juízo.

¹⁵⁴ às] as – em FF.

Tu és o bogarim; querem-te as brisas,
Levianas *coquettes* do vergel – pág. 27, vers. 1 e 2. [p. 21]

“A palavra *coquette* não é portuguesa. Mas não há remédio senão aceitá-la e dar-lhe a carta de naturalização, desde que a coisa se aforou tanto entre nós.” Almeida Garrett – Folhas caídas, nota à poesia – *Coquette dos Prados* –.¹⁵⁵

O tangedor saudoso,
O tangedor que tão melodioso, etc. – pág. 30, vers. 14 e seguintes. [p. 22]

Ainda agora afigura-se-me (e já há uns bons pares de anos que isso foi!)¹⁵⁶ à soleira de meus lares campestres apinhados os rapazes e raparigas da aldeia, pelas voltas das Ave-Marias,¹⁵⁷ em roda do velho tocador de viola incansável e folgazão respondendo aos versos que lhe atiravam de improviso.

Prazeiros tempos que tão pouco duram e tantas saudades deixam!

Algazarras harmoniosas, alegrias sem ostentação, risos de verdadeiros afectos, palavras francas e leais, amigos rústicos mas certos e a toda a prova,¹⁵⁸ ainda hoje sinto remoçar em mim aquele amor à vida de que se enchem esses lugares e que o sol da corte prematuramente desbota!

A vida?

A vida, meus amigos de infância, é esse tranquilo viver à sombra dos vossos hospitaleiros casais.

Fora daí, tudo o mais são ilusões, hipocrisia, indiferença ou interesse... O interesse, o negro¹⁵⁹ abutre que veio das profundezas do inferno asilar-se no meio da sociedade civilizada!

Que Deus se amercie¹⁶⁰ guardar-vos lá por toda a vida debaixo das vossas humildes palhoças!

Flor de cardo – pág. 53. [p. 37]

Quem tiver lido esta estrofe de Régner-Desmarais feita a M.^{me} de Rambouillet, e intitulada:

¹⁵⁵ Nesta nota, não atualizamos a grafia da palavra “coquete(s)” – grafamo-la como aparece em FF –, pois o que está em discussão é sua origem – do francês *coquette*.

¹⁵⁶ Em FF, o ponto de exclamação vem fora dos parênteses.

¹⁵⁷ Ave-Marias,] Ave-Maria, – em FF.

¹⁵⁸ a toda a prova,] à toda aprova, – em FF.

¹⁵⁹ negro] negre – em FF.

¹⁶⁰ O poeta conjugou o verbo “amercear” pelo modelo dos verbos terminados em “-iar”, como “copiar”.

LA VIOLETTE

Modeste en ma couleur, modeste en mon séjour,
Franche d'ambition, je me cache sous l'herbe;
Mais si sur votre sein je puis me voir un jour,
La plus humble des fleurs sera la plus superbe,

dirá que a minha pobre flor de cardo nasceu depois que respirei o suavíssimo perfume que exala a mimosa vileta de Régnier. Não foi assim. E se assim tivesse sido, eu não me negara a honra de confessá-lo, que ninguém se desonrará nunca nos esforços que fizera para imitar a poetas como este. Mas, repito, não foi assim. Havia mais de um ano que a minha pobre flor vegetava quando travei conhecimento com esse autor.

Dirão as más línguas: – O mesmo diria o Álvares de Azevedo, se alguém lhe fosse dizer; – na Primavera do snr. dr.¹⁶¹ Antônio Feliciano de Castilho leem-se os seguintes três versos:

Ali um pessegueiro, cujos frutos
Imitam de um mancebo a rósea face
Coa penugem subtil inda formosa.¹⁶²

Ipsis verbis com que o seu Johann da Noite da taverna revela o despontar do buço daquele Artur com quem jogava o bilhar, dizendo: *Leve buço lhe sombreava o lábio, e pela oval do rosto uma penugem dourada lhe assomava como a felpa que rebuça o pêssego.*¹⁶³

Dirão... deixá-las dizer o que quiserem.

NOTAS ÀS LUCRÉCIAS

Falha-me aqui a pachorra para dar explicações sobre este título.

Amo-vos a todas vós,
Raparigas, – pág. 81, vers. 1 e 2, etc. [p. 53]

¹⁶¹ dr.] dr – em FF.

¹⁶² Primavera 1.^a edição. pág. 79. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).]

¹⁶³ Vid. Obras de Azev. tom. 2, Noite da Taverna cap. VI. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).] Bruno Seabra, até 1862, só podia ter conhecido a edição das Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo preparada por Jaci Monteiro. A primeira edição do v. 2 é de 1855; em 1862 saiu segunda. Em ambas, o título da obra mencionada é “Noite na taverna”. Em FF, ao final da citação de Álvares de Azevedo, fecham-se aspas que não foram abertas; como a citação vem em itálico, suprimimos essas aspas de fechamento.

A respeito da palavra *rapariga* de que usou o sr. dr. Antônio Feliciano de Castilho na esmerada tradução dos *Amores* de Ovídio, ouçamos o que diz, com aquele vasto saber e erudição de que é tão vantajosamente cheio, o seu digno irmão o sr. dr. José Feliciano de Castilho, em uma das preciosas notas da – Grinalda Ovidiana – com que deu maior valor àquela tradução:

“RAPARIGA! *Rapariga!* Santo breve da marca! que palavra tão plebeia!”¹⁶⁴

Sim?! Ora que tem, senhores acoimadores, que dizer de *rapariga*, para a proibirem aos poetas? quanto a nós, não só é palavra decente (não obstante o tomar-se em algumas partes de Portugal, como termo de pouco mais ou menos, e no Brasil se atirar às escravas), senão a que temos por muito graciosa e eufônica. Não sabemos vocábulo nosso, dando o sentido que traz, muitas vezes, nas poesias namoradas dos latinos, o diminutivo *puella*. Chamarem pobre à língua (que o não é), e depois quererem proscrever dela, sem nenhuma razão, termos necessários, formosos e gentis, é contradição que se não absolve, etc., etc.”

– Vid. *Grinalda Ovidiana* pág. 257 e seguintes.

Do rio gigante, que tira o seu nome
Daquelas guerreiras dos tempos dalém, pág. 83, vers. 5 e 6. [p. 54]

Será o Amazonas?¹⁶⁵

Pois bem; das florestas, das matas virentes,
A mão da ventura me trouxe até aqui, pág. 86, vers. 13 e 14. [p. 55]

Declaro, entretanto, que não sou neto de nenhum Botucudo.

O calote, pág. 104. [p. 66]
O original é o seguinte, ignoro o nome do autor:

LA PROMENADE

Après ma journée faite,
je m'en fus promener;
en mon chemin rencontre
une fille à mon gré.
Je la pris par as main blanche,

¹⁶⁴ plebeia!"] plébea!” – em FF.

¹⁶⁵ A pergunta do poeta começa pelo ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

dans les bois je l'ai menée.
Quant elle fut dans les bois,
elle se mit à pleurer;
"ah! qu'avez-vous la belle?
qu'avez-vous à pleurer?"
"Je pleure mon *innocence*...
que vou allez m'ôter."
"Ne pleurez pas tant, la belle,
je vous la laisserai."
Je la pris par sa main blanche
dans les champs je l'ai menée.
Quand elle fut dans les champs,
elle se mit à chanter.
"Ah! qu'avez-vous la belle?
qu'avez-vous à chanter?"
"Je chante votre bêtise
de me laisser aller;
Quand on tenait la poule,
il fallait la plumer."

O seu desdém não mereço...
Olhe... vê... como *ingordeço*? – pág. 113, vers. 8 e 9. [p. 71]

Não foi a força da consoante que ali pôs aquele *ingordeço*, acreditem.

O facto deu-se e a ingênuia não sabia gramática (o que não admira, porque gramática não é para todos). Aqui tinha eu pano para mangas se quisesse tomar contas a certos *literatos a barbas enxutas*, como chama o snr. Alexandre Herculano a esses *quidams* da família dos parlapatães.¹⁶⁶ Mas, Deus lhes perdoe, já que, como diz ainda o mesmo senhor, são *eruditos que lendo ainda por baixo, passam nas trevas como a coruja*.

Da curva celeste povoam a amplidão – pág. 143, vers. 2.¹⁶⁷ [p. 88]
Aquelas que trajam alvacentas roupagens – idem, idem, vers. 5. [p. 88]

Destes versos estão cheios os poetas antigos de maior nomeada.
A elipse concerta-os assim:

Da curva celeste povoa' a amplidão;
Aquelas que traja' alvacentas, etc., etc.

¹⁶⁶ Assim – parlapatães – em FF.

¹⁶⁷ Esta Nota do autor (e as seguintes) já é da terceira parte do livro, das poesias "Dispersas" – não mais das "Lucrécias".

Por modo algum, não se deve mais usar de semelhantes versos.

Do meu lado, são os únicos, e isto por não querer alterar a única poesia que me ficou da meninice.

—

Vivi, como os pagões daquelas terras,
Cantando o fumo, as moças e a cachaça – pág. 179,¹⁶⁸ vers. 1 e 2. [p. 107]

Quanto à¹⁶⁹ cachaça, é um aleive que a mim próprio levantarei.

—

Ciúmes do Bardo, Inspirações de leigo, etc., pág. 181, vers. 9. [p. 108]

Inspirações do Claustro, poesias de Junqueira Freire, outro jovem poeta brasileiro, também falecido prematuramente.

—

Anda cá, George Sand,¹⁷⁰ cor de azeviche,
Garrafa de cognac! ao moribundo,
Que tu fizeste em horas de tristezas
O mais ditoso Lamennais do mundo, pág. 182, estrofe 3. [p. 108]

Há aí quem ignore que o padre Lamennais teve uns namoricos rasgados com a romancista francesa George Sand?¹⁷¹

—

Feliz quem junto a ti por ti suspira, pág. 182, vers. 16. [p. 109]

Verso de uma célebre ode de Safo, traduzida para o francês por Boileau e em português por Filinto Elísio.

¹⁶⁸ pág. 179] pág. 179 – em FF.

¹⁶⁹ à] a – em FF.

¹⁷⁰ George Sand,] Georg-Sand, – em FF.

¹⁷¹ George Sand?] Georg-Sand? – em FF.

NOTAS ÀS CINZAS DE UM LIVRO

As *Confederaxons das tartarugas*, pág. 205, vers. 9. [p. 122]

O taverneiro quis dizer, e não o ajudou a língua, Confederação dos Tamoios. Ainda não comprei outro livro mais barato do que um exemplar, que possuo, desse poema; comprei-o por 200rs.!

Que barateza! que nacionalidade! que apreço!
E que exemplos a futuros escritores!?

Olha, o rei Salomão devasso e torpe, etc., pág. 213, vers. 5. [p. 127]

Eu sou apenas o eco da voz do diabo.

E nesse tempo não se lia Byron! pág. 214, vers. 6. [p. 127]

Que é o modelo dos libertinos, segundo tenho lido nos jornais.

Eia, amigos; Proudhon, etc. pág. 219, vers. 3 e seguintes. [p. 130]

P. J. Proudhon, francês e escritor de reconhecido mérito, diz muitas verdades, que são duras de dizer-se,¹⁷² ou antes de ouvir-se: tem o estilo agradável e persuasivo. Perde em alguns lugares por exaltado. Foi condenado pelo Tribunal Correccional de Paris, em 1858, a três anos de prisão e 4.000 frs. de multa, por haver publicado duas obras, que agradaram pouco, ou *a poucos*; foram elas: A Justiça na Revolução e na Igreja, e Proudhon ao Senado.

E tu, mestre Savedra... etc., idem, idem, vers. 9. [p. 130]

Miguel Cervantes Savedra, o autor do inimitável *D. Quixote*.¹⁷³

¹⁷² dizer-se,] diver-se, – em FF.

¹⁷³ *D. Quixote*.] *D. Quixote*. – em FF. Savedra: Miguel de Cervantes Saavedra.

..... este mundo de condes e marqueses
*Não se pode levar doutra maneira*¹⁷⁴, no fim. [p. 130.]

Cruzes!

Porque eu repito o que disse o moço, não se diga que eu tenho aversão aos fidalgos... pelo contrário, *sangue azul* por *sangue azul*, se é por isso, eu o tenho. Meu falecido pai, Caetano Henriques d’Almeida Seabra, natural do Pará, também tinha um *alqueire de cevada por dia, e mil-réis de moradia mensalmente*, por Especial Graça de sr. D. João VI. O que não deixou em dúvida a cor do seu sangue, porque o documento, ou Foral, em termo técnico, declara que a Mercê foi devida lá à linhagem do dito meu pai.

Não, senhores, não tenho aversão aos fidalgos; tenho sim fanatismo pelos naturalistas, que, entre outros, *Buffon, sont d’avis que l’homme descend du singe et de l’orang-outang, dont la race se serait perfectionnée para descroisements successifs*¹⁷⁵.

Entre tous les mortels que l’univers voit naître,¹⁷⁶
Peu doivent aux aïeux¹⁷⁷ dont ils tiennent leur être,¹⁷⁸
Le respect de la terre,¹⁷⁹ et la faveur des rois:
Deux moyens seulement d’illustrer leur *naissance*¹⁸⁰
Sont mis en leur puissance,¹⁸¹
Les sublimes talents,¹⁸² et les fameux exploits.

J.-B. Rousseau – ode 2.^a,¹⁸³ livr. 4.^o

¹⁷⁴ *Verso de Garrett*. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).]

¹⁷⁵ *Vid.* – A. Snider. *La Création et ses Mystères Dévoilés*. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).]

¹⁷⁶ voit naître,] voit-naître – em FF.

¹⁷⁷ Peu doivent aux aïeux] Peut doivent aux aïeux – em FF.

¹⁷⁸ être,] être – em FF.

¹⁷⁹ terre,] terre – em FF.

¹⁸⁰ Sem grifo na edição francesa consultada, pela qual acertamos ortografia e pontuação. [*Œuvres choisies de Rousseau*. Nouvelle édition. Paris: Aux dépens des Libraires Associés, 1770. p. 150.]

¹⁸¹ puissance,] puissance: – em FF.

¹⁸² talents,] talents – em FF.

¹⁸³ Na edição francesa consultada (ver nota 179), esta é a “Ode I” (Livre Quatrième).

ÍNDICE

A Elas.....	V
A Eles.....	VII

ANINHAS

I Na aldeia.....	5
II Aninha.....	9
III Credo.....	10
IV O vestido carmesim.....	17
V Talismã.....	19
VI Caprichos.....	22
VII Dormindo.....	25
VIII Conselho.....	27
IX Tristeza.....	29
X Graziela.....	32
XI A um jasmineiro.....	35
XII	38
XIII De tarde.....	42
XIV Valsando.....	46
XV Retratação.....	50
XVI Flor de cardo.....	53
XVII Rosa Branca.....	57
XVIII Açucena.....	64
XIX Convite.....	68
XX A lagoa dos amores.....	71

LUCRÉCIAS

I Nós e vós.....	81
II Às Raparigas.....	83
III Teresa.....	88
IV Os meus olhos em leilão.....	93
V Moreninha.....	99
VI Flora.....	102
VII O calote.....	104
VIII A filha do mestre Anselmo.....	108
IX Ingenuidade.....	111
X Laura.....	115
XI Mal de um beijo.....	118
XII Francina.....	121
XIII Ignez.....	125
XIV Lúcia céptica.....	131
XV Adeus às Raparigas.....	133

DISPERSAS

Canto extremos de um cego.....	139
As nuvens.....	143
Às donzelinhas.....	145
Maria.....	147
O meu segredo.....	151
.....	155
A brisa e a veiga.....	158
A vida é lenta.....	161
Cora.....	163
A Julieta.....	165
À lua.....	167
Quiproquó.....	171
Com febre.....	177
No dia dos meus anos.....	184
Conselho a Délia.....	189
Enigma.....	193
Perdão.....	195
Cinzas de um livro.....	199
Notas.....	221

ADVERTÊNCIA

Leia-se:

O verso 8, p. 34

Quando ela vive soluçando amores!

Os versos 17 e 18, pág. 74

Piloto que a pilotava
Nunca tão mal pilotou!

O verso 3, pág. 133

Com quem pela páscoa, sem ser por malícia,

O verso 11, pág. 141

Que vão mentir aos senhores

Referências

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Colégio das artes da Companhia de Jesu, 1712 [v. 1, v. 2] / 1713 [v. 3 e v. 4]; Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, 1716 [v. 5] / 1720 [v. 6 e v. 7]; Lisboa Ocidental, 1721 [v. 8].

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Os amores*, de P. Ovídio Nasão. Paráfrase por Antônio Feliciano de Castilho; seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Casa do Editor – Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. 1ª impressão. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

ROUSSEAU, J.-B. *Œuvres choisies de Rousseau*. Nouvelle édition. Paris: Aux dépens des Libraires Associés, 1770.

SEABRA, Bruno. *As cinzas de um livro*. Episódio contemporâneo. Rio de Janeiro: Tip. de F. de Paula Brito, 1859.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

Endereços eletrônicos:

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>